

# Tribuna da Luta Operária

Nº 27, ANO II, DE 17 A 31 DE NOVEMBRO DE 1980

PREÇO DE VENDA EM BANCAS: Cr\$ 15,00



## Mais feijão, fora João, povo exige CONSTITUINTE!

Protesto nacional da oposição dá nova força à luta pela Constituinte livre e soberana nas fábricas e bairros. Trabalhadores querem Assembléia convocada por um regime democrático e não um Figueiredo qualquer. Página 3

## Kid Reagan o xerife das multas

Última página

## Operários relemboram em S. Paulo revolução de 1917

Dia 7 de novembro 1.800 pessoas ouviram palestra de João Amazonas sobre a luta pelo triunfo do socialismo. Página 3



A caravana dos familiares dos guerrilheiros cercada pelo carinho do povo

## Eleição no Sindicato dos Metalúrgicos No Rio chapa 2 é a melhor

Página 4

## A guerra que o Araguaia não esquece

Última página

## Opção pelo endurecimento

Os monopólios norte-americanos optaram pela política do endurecimento, de Ronald Reagan, para enfrentar a crise do capitalismo. O novo presidente, rancoroso, ameaça movimentos de libertação e fala em usar a força, como se o mundo devesse obediência aos Estados Unidos.

Mas os imperialistas americanos estão isolados e são odiados pelos povos de todo o mundo. O endurecimento de suas posições aumenta o perigo de guerra, mas força também o aceleração da luta revolucionária.

No Brasil, também sem conseguirem resolver as dificuldades, os generais vão esgotando as mágicas da abertura e tendem a endurecer para frear a luta dos democratas.

Estes repeliram com vigor os atentados terroristas. Denunciaram três generais como envolvidos na "Operação Cristal". Depois disso, o general Figueiredo visitou em São Paulo seu velho amigo Milton Tavares. O ministro do Exército elogiou fartamente o general Coelho Neto. Vários militares de alta patente homenagearam no Rio Grande do Sul o general Bandeira. Tudo indica que houve um acordo para cessarem os atentados. Mas toma corpo uma nova onda, dirigida contra o clero progressista e forças conseqüentes, em particular o PC do Brasil.

O general Coelho Neto faz declarações provo-

cadoras, no velho estilo fascista. O governo expulsa o padre Vito e coloca outros sob ameaça. Setores da própria Igreja são acionados para fazerem propaganda de direita. Pela primeira vez desde a anistia alguém é chamado a depor na Polícia Federal. São manobras visando uma ofensiva.

A continuidade do regime é cada vez mais precária. Ele só sobrevive às custas de golpes, um após outro. Cada caso no Parlamento é uma crise, que só se resolve com manobras e pressões. Militares de menos confiança do grupo dominante vão para o ostracismo, como no caso recente de ex-assessores do general Hugo Abreu.

O povo percebe que a única resposta eficaz é ampliar e radicalizar as lutas de massas. Setores sempre mais vastos engrossam a luta por uma Constituinte livre e soberana com a prévia liquidação do regime militar. A perspectiva é de isolamento crescente do governo.

A classe operária sente que não pode deixar-se isolar e que deve ajudar na prática as massas a fazer seu aprendizado. Acumula forças e prepara-se para intervir na crise que amadurece rapidamente. Nesta situação, uma frente única ampla e combativa, representativa das forças democráticas e da unidade popular, é o meio seguro de conquistar a liberdade sem restrições e abrir caminho para uma democracia popular rumo ao socialismo.



## Cebola para o lixo

Goiania, GO Enquanto a população de Goiania comprava o quilo de cebola a 35 cruzeiros, mais de 400 toneladas deste alimento foram atiradas no aterro sanitário da prefeitura da cidade. Na foto, um dos caminhões carregados de cebola destinada ao lixo.

A cebola foi comprada pela Central Brasileira de Abastecimento (Cobal), no vale do rio São Francisco. O diretor comercial da Cobal, Rubens Wilke, argumentou com as "condições climáticas" para tentar justificar sua incompetência. (da Sucursal de Goiania)

# Novos rumos no MCC

O Movimento Contra a Carestia vem se preparando para seu I Congresso Nacional, que será realizado entre 6 e 7 de dezembro em Belo Horizonte, Minas Gerais. O Congresso fará um balanço das atividades do Movimento até agora e traçará os novos rumos da luta contra a carestia e por melhores condições de vida para o povo.

## NOVOS RUMOS

Muita coisa mudou desde o surgimento do MCC em 1973, em São Paulo, traduzindo o descontentamento das donas-de-casa, dos trabalhadores e do povo em geral contra o aumento dos preços e a desvalorização dos salários. O Movimento Contra a Carestia espalhou-se rapidamente por oito Estados.

As lutas populares entraram numa nova fase. A insatisfação dos trabalhadores com suas precárias condições de vida e de trabalho encontrou novos canais de expressão e desembocou nas greves de 1978, 1979 e 1980. Conquistou-se na prática o direito de greve e manifestação. Os exilados políticos voltaram ao país em decorrência da vitória, mesmo parcial, da luta pela anistia. Diversos movimentos populares co-

meçaram a tomar corpo, conquistando espaço no cenário político.

A nova realidade criada não foi compreendida de imediato pelo MCC e, embora os preços continuem a subir vertiginosamente, ele sofreu certo esvaziamento em alguns lugares. O I Congresso Nacional vai reunir representantes dos oito Estados onde o Movimento está estruturado, para discutir os novos rumos que a luta contra o aumento do custo de vida deverá assumir frente a essas mudanças.

## PREPARATIVOS

Agora, os Estados preparam-se para levar novas propostas ao Congresso de Belo Horizonte. Várias plenárias são realizadas para debater com as bases o desenvolvimento dessa luta.

No decorrer dessas reuniões, vem se chegando a um consenso quanto a questões importantes na redefinição dos rumos do MCC. Uma delas é de que o Movimento não é uma organização permanente de massas, não tem uma estrutura acabada, como ocorre, por exemplo, com os sindicatos. É mesmo um movimento na verdadeira acepção da pala-

vra. Portanto, precisa de formas de organização mais flexíveis, tendo como ponto de referência as entidades de massas, e formando com elas coordenações locais e uma coordenação nacional.

Em outras palavras, os ativistas do MCC julgam que ele precisa basear-se nas organizações permanentes de massas, principalmente nos sindicatos e Associações de bairros. Como afirmou um diretor do Sindicato dos Padeiros de São Paulo, "o MCC precisa de uma retaguarda, e essa retaguarda são os sindicatos. Sou membro da Executiva da Unidade Sindical e venho batalhando para que ela também assuma essa luta, que é de todos os trabalhadores".

Finalmente, é ponto pacífico para todos que o MCC deve ser o mais amplo possível, congregando todos os setores interessados em combater a alta dos preços. Como declarou uma dona-de-casa paulista, "só os ricos, que têm tudo, são contra esse movimento. O resto do povo está passando fome. Precisamos nos unir e lutar. Prá Deus, temos que pedir saúde e coragem para continuar na briga. O resto é com a gente." (Olivia Rangel)

## SECUNDARISTAS

# Encontro desunido

Rio de Janeiro, RJ — Nos dias 8 e 9 deste mês, reuniram-se cerca de 700 estudantes secundaristas no Rio de Janeiro. Representavam 63 entidades, vindo de 14 estados, para a realização do 2º Encontro Nacional de Estudantes do 2º grau.

Tinha ficado acertado que nestes encontros os votos seriam por entidade e também por delegados escolhidos nas escolas. Na prática alguns divisionistas trouxeram delegados fantasmas, de escolas onde não foram feitas assembleias e nem mesmo reuniões com um mínimo de representatividade.

Em função destas manobras, além de debilidades na preparação do encontro, todas as demais correntes consideraram que o mais correto seria reconhecer apenas o voto por entidade. E abrindo mão de suas divergências, procuraram formar uma frente no sentido de realizar um encontro unitário, capaz de fazer avançar o processo de reorganização da entidade nacional, a UBES.

Apesar destes esforços, os divisionistas não recuavam. Por fim, alguns companheiros irritados acabavam

aceitando certas provocações e formou-se o tumulto no plenário. Aproveitando o conflito, a UMES-SP lançou apressadamente uma nota dando a reunião por encerrada e convocando o 3º Encontro, sem discutir com as outras entidades. Todas as demais correntes se reuniram e procuraram tirar orientações unitárias para a preparação do 3º Encontro, que se dará nos dias 14 e 15 de março em Goiânia.

Também foram aprovadas algumas posições políticas básicas que devem orientar os secundaristas neste período: por 12% do orçamento para educação; contra o ensino pago; liberdade de organização e expressão; por uma Constituinte livre e soberana precedida da derrubada da ditadura. (Da sucursal)

## ERRATA

Por problema de revisão, na legenda da foto da matéria sobre o Congresso da UNE, (página 8 do nº 27) foram omitidos os nomes de Marcelo Barbieri e Danilo Fortes, membros da chapa Viração.



## Comemorações da TO

Aniversário da Tribuna — Cerca de 80 pessoas compareceram às comemorações do 1º aniversário da TO na sucursal de Recife, PE. Participaram da festa lideranças estudantis, representantes da imprensa alternativa e grupos de apoio ao jornal no interior dos Estados etc. No dia 19 de outubro o jornal foi lançado em Cascavel, PR, nas comemorações de seu primeiro ano de vida. Cerca de 70 pessoas, entre lideranças locais dos movimentos de massas e tribuneiros de Curitiba, Londrina e Toledo participaram dos festejos. Em Curitiba, centenas de populares participaram da festa do jornal na Vila N. Sra. das Graças. A festa da TO também foi comemorada em Jequié, na Bahia, com a presença de 40 pessoas. Na mesma ocasião foi fundada a sucursal da Tribuna em Garibaldi, RS, por iniciativa de um grupo de jovens estudantes e operários.

## Abaixo-assinados

Guanambi, BA — Mostrando o seu descontentamento com as péssimas condições de ensino e material do Colégio Estadual Gov. Luis Viana Filho, os estudantes se uniram em torno de sua entidade, o "CEG", para reivindicar seus direitos. Foi feito um abaixo-assinado com 1.200 assinaturas reivindicando o reaparelhamento total do colégio, além da mudança do sistema de notas. No dia 23 de outubro com a presença de 200 alunos foi entregue o abaixo-assinado. Também foi feito um outro abaixo-assinado entregue ao secretário de Educação, Eraldo Tinoco, no dia 30, pedindo mais verbas para educação.

## Construído pelo povo

Jequié, BA — Camponeses com recursos próprios e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jequié construíram um grupo escolar com duas salas e capacidade para 100 alunos. Duas professoras serão contratadas para ensinar os alunos. A prefeitura de Iramaia nunca deu atenção a educação no município.

## Congresso estudantil

Paulo Afonso, BA — Durante os dias 1 e 2 de novembro, realizou-se nesta cidade o I Congresso dos Estudantes de Paulo Afonso, contando com a participação de delegados eleitos nos colégios da cidade e de observadores pauloafonsinos que estudam em outras cidades. O objetivo maior do Congresso foi fundar o Centro de Estudantes Universitários de Paulo Afonso (CEUSPA). Os estudantes que desejarem informações escrevam para rua S. Francisco, 134, Paulo Afonso - BA.

## Manobra da UNATE

Maceió, AL — Procurando manter os trabalhadores do setor de enfermagem desunidos e desmobilizados, a União de Técnicos de Enfermagem (UNATE) manobrou para evitar a participação dos sindicatos de enfermeiros no XIII Congresso Nacional de Enfermagem, realizado no final do mês de outubro em Maceió. Protestando contra a manobra, o presidente do Sindicato dos Enfermeiros, José Bernardo da Silva, distribuiu nota alertando que as reivindicações da categoria compete principalmente aos sindicatos.

## Agronomia em greve

Londrina, PR — Alunos do curso de Agronomia da Universidade Estadual de Londrina iniciaram no dia 29 de outubro a sua luta por melhores condições de ensino, com uma passeata pelo Campus da universidade. Cantando e gritando palavras de ordem, os estudantes soltaram um texto aos colegas esclarecendo os motivos de sua paralisação. Desde que se iniciou o curso, em 1978, os alunos de agronomia vêm enfrentando uma série de problemas, como falta de material para aulas práticas, identificação de currículo e principalmente falta de orientação de professores.



# Mobilização por ônibus

Cachoeirinha, RS — Foi realizada dia 19 de outubro uma concentração popular com cerca de 400 pessoas, para protestar contra a má qualidade do transporte coletivo nesta cidade. O prefeito e o vice-prefeito, na última hora, se negaram a ceder o local combinado, querendo com isto boicotar o movimento. Mas a comissão coordenadora manteve-se firme e decidiu fazer o ato em frente à prefeitura e denunciar esta atitude do prefeito.

Este ato foi mais um passo na luta que já vem sendo tratada há mais de dois

meses pelos moradores de Gravataí e Cachoeirinha, que sofrem a exploração da Sogil, única empresa que realiza o transporte coletivo nestas duas cidades. Além dos moradores estiveram presentes representantes de Associações, do Centro Operário, da Igreja, clubes esportivos, deputados e vereadores do PMDB e representante do PT.

O movimento continua e foi marcada nova assembleia para entrega de uma abaixo-assinado exigindo medidas pela melhoria do transporte coletivo urbano. (da Sucursal)

# "Oposição" vitoriosa

São Paulo, SP — Os estudantes da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo mostraram na eleição do dia 23 de outubro o grau de consciência e comprometimento com a democracia e as lutas do povo brasileiro. Participaram da eleição cerca de 1.400 estudantes, sendo que a chapa Oposição derrotou as forças retrógradas que se mascararam de democratas, com uma diferença de mais de 300 votos.

A chapa Oposição, união das correntes progressistas da Faculdade de Direito, se formou a partir de três reuniões

abertas que chegaram a contar com 120 estudantes, onde se tirou o programa da chapa.

A nova diretoria pretende democratizar o D.A. XI de Agosto, fazendo com que seus departamentos funcionem através da participação dos estudantes e na promoção de atividades culturais e políticas. Defendem o ensino público e gratuito, 12% do orçamento da união para a educação e o repúdio à Lei de Segurança Nacional e à Lei dos Estrangeiros. Exigem o fim do regime militar e a convocação de uma Assembleia Constituinte livre e soberana.

# Morte e processos

A chamada abertura política do general Figueiredo vem revelando cada vez mais sua fragilidade. As lideranças populares e trabalhistas continuam cercadas pela legislação fascista em vigor. Os que mais se destacam no combate ao regime são ainda presos, perseguidos e até mortos.

Em Guajará-Mirim, Rondônia, foi assassinado Agenor Martins de Carvalho, advogado da Comissão Pastoral da Terra e de mais de mil posseiros, assessor da Contag e ligado ao PMDB da cidade. Segundo se informa, bateram na porta de sua casa às 4 hs do dia 9 de novembro. Ele atendeu e foi baleado com dois tiros. A coordenação do Movimento de Defesa da Amazônia tirou uma nota exigindo apuração da responsabilidade e punição dos autores do crime. Este foi o terceiro atentado sofrido por Agenor. Há quem relacione o crime com fatos políticos, já que o governador da região tinha ameaçado os opositores.

Em Belo Horizonte, 7 jornalistas foram demitidos e encontram-se ameaçados de enquadramento na Lei de Segurança Nacional, por divulgarem um manifesto atribuído ao Comitê Regional do Partido Comunista do Brasil no dia 7 de setembro. Segundo se informa, os jornalistas, que trabalhavam na Agência Jornal do Brasil, receberam o documento pelo correio e o enviaram para o Rio de Janeiro, onde foi lido na rádio. A direção da empresa decidiu então demitir os responsáveis.

Em Maceió, o secretário e o tesoureiro do Sindicato dos Radialistas de Alagoas, Carlos Pompe e Jaime Feitosa, estão sendo processados e ameaçados de demissão por "justa causa". O dono da empresa, Pedro Collor, filho do senador biônico Arnon de Mello, alega que os jornalistas e dirigentes sindicais estavam "insultando os trabalhadores contra a empresa". (Das sucursais do RJ, BH e Maceió)

# Princípios

Aguarde para breve o lançamento de Princípios, uma revista teórica, política e de informação a serviço da propagação do socialismo científico no Brasil

## Tribuna Operária

Jornalista responsável: Pedro de Oliveira  
Conselho de direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olivia Rangel, Dilair Aguiar.  
Redação: Rua Conselheiro Ramalho, 501, Bela Vista - São Paulo, capital - CEP 01325-011. 36-7731  
Sucursais: Rio de Janeiro: R. Joaquim Silva, 33 - 3407 - Lapa - CEP 20241. Minas Gerais: R. Contorno Rodoviário, 345/355 - Cidade Industrial - Contagem - CEP 30000. Bahia:

R. Padre Vieira, 52 - 5207 - Salvador - CEP 40000. Pernambuco: R. de Siqueira, 42 - 7 - andar - 5707 - Boa Vista - Recife - CEP 50020. Rio Grande do Sul: R. Gen. Câmara, 52 - 229 - Centro - Porto Alegre - CEP 90000. Ceará: R. do Rosário, 413 - 305 - Fortaleza - CEP 70000. Espírito Santo: Av. Jerônimo Monteiro, 352 - s/5 - Vitória - CEP 29000. Alagoas: Rua Fernandes de Barros, 43 - s/05 - Maceió - CEP 57000. A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressa na Cia. Editora Jorúes, rua Gast o da Cunha, 49 - fone: 531-8900 - SP.



Funcionários do setor de Saúde solidarizam-se com os demitidos

# Povo apóia demitidos

Piracicaba, SP — Piracicaba ficou conhecida como uma "ilha da democracia", por sediar o 32º Congresso da UNE. O prefeito João Hermann Neto desfez esta imagem ao demitir três funcionários municipais, num ato de perseguição política. Alegou o prefeito estar demitindo estes funcionários por terem manifestado publicamente seu apoio à chapa 3 que concorre às eleições do Sindicato dos Metalúrgicos de Piracicaba.

Nesta cidade, os três funcionários demitidos são muito conhecidos por suas atividades nos bairros da periferia e por sua atuação política como autênticos democratas. À frente do Programa Municipal de Saúde, criaram e desenvolveram um sistema municipal de

atenção médica, considerado como o melhor programa desenvolvido no município nos últimos anos.

Imediatamente após a demissão, iniciou-se um poderoso movimento de solidariedade aos demitidos, exigindo do prefeito que os reconduzisse à coordenação do programa. A reação do prefeito a esta reivindicação foi ainda mais surpreendente e arbitrária, pois através de uma carta dirigida a todo funcionalismo, afirmou: "A solidariedade é um gesto nobre e portanto único... Solidariedade exige ao meu governo e se for dada a qualquer outra pessoa, entendo como desobediência, e a punirei".

Com esta atitude, Hermann feriu profundamente o sentido democrático do seu governo. (Do correspondente)

# Hospital parado

São Paulo, SP — No dia 7 último, em assembleia realizada no hospital São Paulo, os alunos, médicos-residentes, pós-graduandos, funcionários e professores deste hospital-escola decidiram a ida em massa para Brasília a fim de pressionar o governo para liberar as verbas para continuar o seu funcionamento.

O São Paulo é um hospital particular que Serve à Escola Paulista de Medicina e que vem atravessando uma crônica crise há mais de três anos. Mesmo recebendo dinheiro do INAMPS e do FUNRURAL, este hospital deve cerca de 400 milhões de cruzeiros e gasta 1 milhão e 100 mil diários, sendo que 60% dessa quantia é só com a folha de pagamento.

No final do ano passado o hospital ficou desativado durante três meses por falta de verbas. Desta vez a situação chegou a um ponto crítico, faltando desde os medicamentos básicos até comida para os funcionários. Diante deste quadro, a partir do dia 17 de outubro os médicos-residentes deixaram de internar os doentes.

Com esta resolução, a Congregação que dirige o hospital se reuniu, decidindo enviar uma comissão a Brasília. Essa comissão foi pedir que o MEC assumira a folha de pagamento do hospital e libere mais verbas.

Segundo os médicos residentes do Hospital São Paulo, o que está acontecendo naquele hospital é o reflexo da política de saúde do governo.



"Invasores" exigem na prefeitura desapropriação do terreno onde moram

# Chega de prefeito assim

Goiânia, GO — Cerca de 300 "invasores" compareceram à Prefeitura de Goiânia, dia 3 de outubro, para exigir do prefeito Índio do Brasil Artiga a desapropriação dos terrenos onde moram. Estes moradores representavam seis setores da capital e mais de três mil famílias.

Portando faixas, os "invasores" se aglomeraram em frente à prefeitura e foram recebidos em comissões de três por vila. Tão logo entraram e avisaram o prefeito que esperavam a desapropria-

ção dos terrenos onde viviam, este lhes disse que nada faria. Descaradamente o prefeito esclareceu que não iria desapropriar um palmo de terra para vender aos "invasores" e que estes, se quisessem, comprassem a terra das empresas ou então ficassem onde estavam à espera da polícia.

Após uma tumultuada reunião, os moradores saíram da prefeitura em passeata e se dirigiram até a catedral, sendo recebidos por um representante da Comissão Justiça e Paz. (da Sucursal)

## É hora de ler

# O imperialismo e a revolução

O livro de Enver Hodja é uma poderosa arma nas mãos dos trabalhadores, em defesa de seus interesses fundamentais

Pedido de compra

Nome: .....

Endereço: .....

Bairro: ..... Estado: .....

Cidade: ..... CEP: ..... Fone: .....

Estou enviando o cheque nº ..... no valor de Cr\$ 400,00, em nome da Editora Anita Garibaldi Ltda., rua Beneficência Portuguesa, n. 44 - sala 206, SP - CEP 01033

## ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA

Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia popular e o socialismo.

ASSINATURA ANUAL DE APOIO

Nome: .....

Endereço: .....

Bairro: ..... Cidade: .....

Estado: ..... CEP: ..... Fone: .....

Estou remetendo um cheque de Cr\$ 500,00 para a Editora Anita Garibaldi Ltda. - Banco Itaú - Agência Jaceguai - conta n.º 03154 São Paulo - Capital.

# Constituinte foi à fábrica

A chavinha fina e fria continua, mas na porta da Metal Leve, na Zona Sul de São Paulo, muitos operários não mostram pressa em entrar. Lá dentro, vai começar mais uma jornada de exploração do trabalho pelo capital. E na portaria o ambiente está animado, com vários operários distribuindo aos que chegam um panfleto pela **Constituinte livre e soberana**.

Um deles, enquanto distribui os papéis, vai agitando o assunto: "Vamos pegar, minha gente, que é contra o governo que está matando o trabalhador de fome! É pela liberdade! É contra o Figueiredo e o Maluf! Vamos ajudar a pôr abaixo esse governo!" O operário agitador é Aurélio Peres, deputado federal, que passa três dias da semana em Brasília e o restante junto à sua base, principalmente os metalúrgicos da Zona Sul paulistana. Nessa terça-feira mesmo ele acordou de madrugada, já passou com seu Volkswagen pela portaria da Perkins, da Villares, e logo estará na Toshiba.

## É CONTRA O GOVERNO

Os operários entram na fábrica lendo o panfleto, interessados. É verdade que a maioria ainda não sabe o que é uma Assembléia Constituinte. Mas são atraídos pela idéia chave: é contra o governo; é para mudar esse governo!

"Constituinte? Tranquilo que sou a favor — diz um operário ainda jovem. — O salário aí tá de matar o povo de fome!"

Se o Figueiredo e o Maluf tivessem saído seis meses atrás tinham feito é um favor". Numa venda de café, diante do portão da firma, outro metalúrgico garante que "a turma gostaria" de conseguir a Constituinte, e que ele mesmo irá à manifestação do dia 15, porque "todas as lutas da categoria até hoje eu acompanhei, na última greve enfrentamos a polícia, eu tive até de pular este muro ali".

E quando o trabalhador fica sabendo o que é mesmo esta luta, entra nela de corpo e alma. É verdade que Constituinte não enche a barriga de ninguém, mas a luta por

A **Tribuna** foi às metalúrgicas e aos bairros da periferia de São Paulo ver como o trabalhador encara a campanha pela Constituinte. A disposição é de entrar na briga, e para valer, para por abaixo o governo atual.

ela é também pelo feijão, pelo salário, pela terra, pela liberdade política e sindical. No fundo, a campanha que começa neste 15 de novembro é a ofensiva geral para afastar do poder quem manda atualmente no Brasil e deixar a maioria decidir, livremente, soberanamente, como deve ser este país.

## ESCLARECER MILHÕES

O passo seguinte, na consciência do trabalhador, é que também os seus companheiros precisem entender e abraçar esta bandeira. No bairro proletário do Cangaíba, periferia leste de São Paulo, durante um dos muitos debates organizados

pelo Brasil afora para convocar a manifestação do 15 de novembro, seu João coloca o problema: "É preciso esclarecer o que é Constituinte, porque o operário só luta pelo que ele sabe que é bom. E eu mesmo, para dizer a verdade, só hoje fiquei sabendo o que é".

Já seu Pedro Oliver, operário aposentado, 55 anos, sabe o que é uma Constituinte. Ele está na luta desde 1946, lembra-se da Constituinte daquele ano e tem sua opinião. Ressalta a importância dos trabalhadores "terem seus legítimos representantes numa assembléia assim, por exemplo para elaborar uma nova CLT". Mas seu Pedro mostra também as limitações desta

campanha, que é uma grande batalha, mas não é toda a guerra dos trabalhadores. "Poderá haver melhora — diz ele — mas relativa. Quando a classe operária estiver no poder, então sim, vão ser outros quinientos!"

## UM PRIMEIRO PASSO

O 15 de novembro, dia nacional de protesto contra o adiamento das eleições municipais e de luta pela Assembléia Constituinte livre e soberana, surge como o primeiro passo dessa campanha. Tem o mérito de unir amplas forças políticas, representativas da grande maioria da oposição. É um bom começo.

Mas é apenas o começo, pois a perspectiva da campanha é prosseguir, nos planos político, de propaganda e organizativo, para galvanizar grandes massas e para lançá-las à ação.

(Bernardo Joffily)



Mil e oitocentas pessoas foram ouvir Amazonas no cine Roxy

REVOLUÇÃO DE 1917 FESTEJADA EM SP

# «O socialismo é o futuro do Brasil»

Apesar da chuva que caía forte, 1.800 pessoas, na maioria operários, encheram o auditório do cine Roxy, no velho bairro proletário do Brás. Não foram lutar simplesmente por melhores salários, mas por uma causa mais elevada, pela abolição de toda a escravatura capitalista. Convocados pelo Centro de Cultura Operária, foram comemorar o 7 de novembro, 63.º aniversário da revolução socialista na Rússia.

O auditório ouviu, entusiasmado, uma palestra do dirigente comunista João Amazonas, sobre o capitalismo e o socialismo.

## “CRISE E INCAPACIDADE”

"Também o Brasil, — disse João Amazonas a certa altura, entre fortes aplausos — o Brasil será socialista. Haverá por acaso outra alternativa de fundo para os graves problemas que o Brasil enfrenta? Aqui tudo está em crise, crônica e estrutural. Os próprios membros do governo são obrigados muitas vezes a confessar. Crise na produção, crise nas finanças, crise no ensino, crise nos serviços de saúde, crise no abastecimento dos gêneros de primeira necessidade, crise no sistema penitenciário, crise no regime político, crise na moral. "Crise e incapacidade. A burguesia e os latifundiários aburguesados já demonstraram uma e mil vezes serem incapazes de resolver os problemas cruciais da nossa terra e da nossa gente. Que significa tudo isso? Significa que é chegada a época dos destinos do país passem a outras mãos. Se a burguesia e os latifundiários não têm condições de resolver os problemas fundamentais do país, cabe ao proletariado e a outras forças sociais ocuparem o seu lugar."

## A META É O SOCIALISMO

"Nós, os comunistas — prosseguiu Amazonas — lutamos na conjuntura atual para livrar o país do regime militar

há 16 anos no poder. Defendemos uma ampla frente democrática. Pugnamos por um governo democrático e de unidade popular, que assegure a liberdade política mais completa possível, afim de que seja convocada uma Constituinte livremente eleita. Lutamos para que se criem as condições dentro das quais o povo brasileiro, consciente e em liberdade, possa escolher o seu próprio destino. Mas o destino que defendemos e defenderemos para nossa gente é a democracia popular rumo ao socialismo.

"Nosso país possui já uma grande classe operária, que se levanta e começa a lutar. Possui também uma imensa massa de camponeses sem terra que se levanta em todos os quadrantes do país para lutar por seus direitos indiscutíveis. Um dia, a classe operária aliada com os camponeses há de varrer para sempre com os entraves tornam tão infelizes a nossa Pátria rica e querida de todo nós."

## “OUTROS DISPAROS SOARÃO”

Concluindo, Amazonas afirmou: "A 7 de novembro de 1917, o eco dos canhões do Cruzador Aurora, disparados contra o Palácio de Inverno em Petrogrado, anunciou aos povos, aos explorados e oprimidos de todos os Continentes, de todas as raças, de todas as línguas a grande nova: chegara a hora da libertação, da emancipação social dos que tudo produzem e nada têm, a época das revoluções proletárias.

"Outros disparos sobre outros palácios ainda se farão ouvir. E os punhos vigorosos dos emancipados, por cima das fronteiras de todos os países, hão de se encontrar, na grande comemoração da vitória universal, no aperto de mãos da fraternidade, da solidariedade, da liberdade e da justiça social afinal conquistadas. O socialismo é o futuro do mundo. Continua na ordem do dia até a vitória final!"

O texto da palestra de João Amazonas — "Capitalismo e Socialismo" — está sendo impresso em folheto. Pedidos para o Centro de Cultura Operária, CCO, sediada

à rua Maria José, número 326, bairro da Bela Vista, S. Paulo, ou para a redação da Tribuna Operária.



Na Metal Leve, SP, os operários receberam com interesse a convocação para o protesto do dia 15

## LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

# Bandeiras que interessam

Qual a atitude dos operários conscientes, socialistas, diante de lutas de caráter democrático burguês? Esta questão se coloca freqüentemente para o movimento operário. É o caso da luta pela reforma agrária nos países atrasados; da luta de libertação nacional nos países dominados por potências estrangeiras; da luta pela liberdade política nos países que vivem sob ditaduras militares e fascistas. No Brasil atual, é também o caso da campanha de massas pela convocação de uma Assembléia Constituinte livre e soberana.

Não é difícil compreender que estas são bandeiras de caráter burguês. A repartição da terra entre os camponeses, a constituição de nações independentes e a democracia parlamentar, por sua natureza, não afetam o sistema capitalista de propriedade nem o poder político burguês. São tarefas que pertencem à velha revolução burguesa que se desenvolveu no mundo até o século passado, e não da nova revolução proletária que entrou na ordem do dia no nosso século.

## QUEM QUER IR ATÉ O FIM

No entanto, o que se vê atualmente? Em toda parte, é a burguesia reacionária que resiste de todas as formas à luta por estes objetivos. E é a classe operária que se mostra mais disposta a levá-los até a vitória.

Ocorre que a vitória desses objetivos abre caminho na história para outras transformações, muito mais profundas, de caráter socialista. Por isso a burguesia, mesmo no passado, em geral não se empenhou a fundo em levar até o fim a sua própria revolução. E hoje, que ela se tornou uma classe contra-revolucionária no plano mundial, trabalha inclusive para fazer voltar atrás muitas conquistas democrático-burguesas anteriores.

No Brasil isto é ainda mais claro. A burguesia brasileira nunca se engajou em movimentos revolucionários. Sempre inclinou-se para o compromisso com os latifundiários, no plano interno, e com o capital estrangeiro, no plano internacional.

## TAREFA DOS OPERÁRIOS

Coloca-se então para o movimento operário a tarefa de levar até as últimas conseqüências a luta por estes objetivos. E os operários têm bons motivos para isso. Primeiro porque fatores como o latifúndio, o domínio estrangeiro e a ausência de liberdade pesam diretamente sobre os seus ombros, mais do que sobre qualquer outra classe. Segundo, porque ao engajar-se nestas lutas o proletariado consegue aliados tão preciosos como a grande massa camponesa, os setores patrióticos e democráticos da sociedade. E finalmente o motivo mais importante do ponto de vista das metas finais da classe operária: porque só assim se consegue desimpedir o caminho para que a sociedade avance no sentido das transformações revolucionárias de caráter socialista.

Os operários brasileiros sabem disto por experiência própria. Nenhuma classe sofreu mais do que eles com a ausência das mais elementares liberdades democrático-burguesas sob a ditadura militar. Ao mesmo tempo, eles viram como a parte mais poderosa da burguesia brasileira aliava-se abertamente com os generais e as multas para sustentar o fascismo. E vêem agora como até a parcela liberal ou mesmo democrática da burguesia reluta em empunhar com firmeza as bandeiras da plena liberdade política, da reforma agrária e da independência nacional. Cabe à classe operária tomar estas bandeiras nas mãos e levá-las até a vitória.

## GOVERNO CONTRA IGREJA

# Mais padres podem ser expulsos

A expulsão do padre Vito Miracapillo pelo governo brasileiro, além de despertar a indignação da opinião pública, reabriu velhas feridas no relacionamento entre a Igreja e o regime militar. Há quem tente reduzir a importância do desentendimento, como o ministro da Justiça Abi Ackel, ou o representante do Vaticano no Brasil, Dom Carmine Rocco, que disse que o que houve foi "uma briguinha com um menino", insuficiente para "o rompimento do casal". Mas não é difícil perceber que os setores progressistas da Igreja estão sendo alvo de um ataque coordenado, partindo dos mesmos elementos do sistema denunciados como responsáveis pelos últimos

atos terroristas ocorridos no Brasil. E como o decreto de expulsão do padre Vito foi assinado por Figueiredo em pessoa, é o próprio governo, em seu mais alto escalão, que está envolvido na disputa.

A coisa se agrava porque os inimigos da Igreja progressista não saciaram sua sede de vingança com a expulsão. O general Coelho Neto, de Minas, já dirigiu novos ataques verbais contra os bispos de S. Félix do Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga, e de Teófilo Otoni. E há a ameaça aos religiosos estrangeiros, inclusive o próprio D. Pedro, os padres Nicola Arpone e Henrique Roziens, entre outros, ameaçados pela Lei fascista dos estrangeiros.

## CRISE NA ECONOMIA

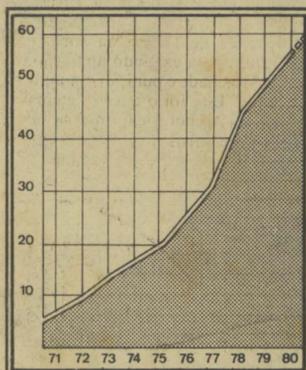
# FMI ganhou pacote de Delfim

Logo no dia seguinte à sua última romaria pelas capitais financeiras dos Estados Unidos, Europa e Japão, o ministro Delfim Netto, entre duas garfadas de um suculento almoço, anunciou à imprensa mais um dos seus "pacotes" econômicos. Primeiro, mandou afrouxar o controle dos preços, que vão subir à vontade nos "setores competitivos". Segundo, liberou as desvalorizações do cruzeiro, que vai perder ainda mais terreno perante o dólar. E terceiro, liberou também as taxas de juros dos bancos, e com ela a especulação financeira.

## DELFIN AFINOU DE VEZ

O novo "pacote" obedece às ordens dos banqueiros internacionais, principalmente os americanos. Eles acham que chegou a hora de puxar com mais força a corda da dívida externa que passaram no pescoço do Brasil. A forma de puxar a corda é colocar a economia brasileira nas garras do Fundo Monetário Internacional, o FMI.

No início, para os menos avisados, parecia que o governo Figueiredo queria resistir a essa chantagem. Delfim falava grosso: "Não precisamos nem precisaremos recorrer ao FMI", dizia. Mas os patriotas brasileiros já alertavam que



## Uma corda no pescoço da nação brasileira

Quantos bilhões de dólares o Brasil devia há dez anos e quanto deve hoje por culpa do regime militar.

um governo vende-pátria como o atual não merecia confiança, terminaria entregando o ouro aos imperialistas.

Dito e feito. Depois de sua última viagem, Delfim afinou de vez. Seu "pacote" deste mês segue a receita do FMI, ditada num documento de julho deste ano. Vai significar mais lucros, principalmente para os capi-

talistas dos setores financeiro e de exportação. Vai provocar um novo impulso na inflação. Vai empurrar o Brasil no rumo da recessão econômica, do desemprego e da fome para a família trabalhadora.

## MAIS CONCESSÕES A VISTA

Só faltam duas medidas para a submissão do governo brasileiro ao FMI ser completa. Uma é o fim dos reajustes semestrais dos salários, a outra a liberalização das importações.

No caso da abertura dos portos para as importações, há uma disputa do mercado brasileiro, entre os capitalistas de fora e os que já se instalaram no Brasil, inclusive as multinacionais. Por isso o governo prefere ainda a linha de abrir o país, sim, mas para os investimentos e empréstimos estrangeiros.

Quando à eliminação dos reajustes semestrais, já começou, atingindo primeiro os salários mais altos, com a reforma da lei salarial que o governo enviou ao Congresso. E todos os salários poderão voltar a aumentar somente uma vez por ano, pois neste ponto todos os patrões concordam em descarregar o peso da crise nas costas dos trabalhadores. Porém os donos do poder vacilam em tomar uma medida mais

drástica com medo da reação vinda de baixo. Os reajustes semestrais foram uma conquista das greves de 1979/80. Os trabalhadores não aceitariam sua eliminação.

Essa vacilação mostrou até que ponto Figueiredo e seus ministros estão enfiados, perdidos na crise econômica.

## DIAGNÓSTICO FURADO

Tanto as medidas do "pacote" como as que ainda faltam para contentar o FMI colocam como problema número um o déficit da balança comercial. Os banqueiros querem que o Brasil acabe com o déficit para conseguir dinheiro e poder pagar a dívida externa, com seus juros altíssimos. Mas do ponto de vista dos interesses da nação brasileira, este diagnóstico é falso e tem efeitos desastrosos, como por exemplo a redução dos gastos na área social, que já está acontecendo. Somente em S. Paulo, nos últimos dias, a Escola de Administração da Fundação Getúlio Vargas e o Hospital São Paulo foram fechados, enquanto a COHAB cancelava a construção de 13 mil casas populares.

São coisas assim que vão ocorrer em escala arrasadora, se o governo Figueiredo e o FMI continuarem tratando dos problemas do país.

# MUM quer acabar com a moleza

Chapa 2 promete derrubar pelego do sindicato dos metalúrgicos do Rio de Janeiro

Os 250 mil metalúrgicos do Rio de Janeiro andam agitados. Quatro chapas disputarão dia 17 a direção do seu Sindicato. E isto depois de 16 anos de oportunismo sindical, à sombra do regime militar.

Entre 1971-73, a gestão de Valdir Vicente praticou tanta corrupção que abriu brecha para a ditadura intervir no sindicato e impedir a posse da chapa de oposição, vencedora das eleições de 1973.

Quando foi marcada nova eleição, o mesmo Valdir, em conchavo com os interventores, conseguiu articular uma chapa única que, depois de eleita, além de sabotar a luta operária deixou o sindicato sem água, sem luz e sem telefone, cortados por falta de pagamento. Pimentel já fazia parte dessa gestão, no conselho Fiscal.

Nas eleições de 1978, ainda predominou o conchavo. Saiu um



João de Deus (E) e Arnaldo, membros do MUM

"chapão" que era uma verdadeira salada, desta vez com Pimentel na cabeça e Valdir conchavando nos bastidores, como sempre, tão afastado da categoria que se tornou corretor de imóveis.

## QUEM É A DIRETORIA HOJE

Essa diretoria também caiu no marasmo, trocando a luta pela con-

ciliação. Pimentel formou-se em biologia e já está com um pé fora da categoria. A campanha de sindicalização de 1979 foi interrompida quando estava no pique. Na greve do ano passado, a diretoria simplesmente se omitiu. A condução do movimento terminou na mão de alguns companheiros combativos, esforçados, mas ainda sem experiência, sofreu influência de aventureiros e terminou esvaziando-se diante da repressão policial a serviço dos patrões.

## COMO SURTIU O MUM

Com o movimento grevista e o avanço político da classe operária, participantes dos piquetes e da comissão de salários do ano passado viram a necessidade de participar das eleições sindicais deste ano. Foi assim que nasceu o Movimento de União dos Metalúrgicos (MUM), e que jovens lutadores operários como Zeca, Ademir, George e outros integraram a Chapa 2, de oposição e renovação.

Esse movimento ainda foi influenciado por certas idéias equivocadas, por certa estreiteza, tentando no início articular uma "unidade pré-fabricada". Aventureiros tentaram entrar por essas brechas e, quando fracassaram, formaram a Chapa 1, do divisionismo.

## QUEM ESTÁ NA CHAPA 4

Enquanto isso, as velhas raposas da diretoria querem reeleger Pimentel, pela Chapa 4. É tudo como a re-

prise de um velho filme. Valdir Vicente continua com seus conchavos. E para não faltar nada, até interventores como Maranhão e José Fernandes apoiam essa chapa da conciliação e do marasmo. De novidade, só existe a Chapa 3, fruto de brigas internas alheias aos interesses operários.

Durante a campanha a Chapa 2 ampliou suas perspectivas e, apesar das deficiências, é quem reúne hoje as melhores condições para fazer uma gestão atuante e combativa. Ela precisa do apoio dos metalúrgicos cariocas. E precisa também da crítica e do controle da categoria, para reforçar o que tem de bom e corrigir as falhas. Construir um sindicato independente e representativo é tarefa de toda a categoria, e não somente de uma diretoria.

## UNIDADE PARA A LUTA

A unidade é fundamental para a classe operária. Mas unidade para a luta e não para a conciliação. E quando há divergências, as bases escolhem quem vai para a direção do Sindicato.

Mas também interessa à classe chamar para a unidade todos os companheiros honestos e combativos que por equívoco perdem o rumo. Com isso vai se fortalecendo a verdadeira união dos metalúrgicos.

(Rogério Lustosa e João de Deus)

METALÚRGICOS AVALIAM CAMPANHA-SP

## Preparar novas lutas

Um grupo de jovens ativistas sindicais avalia os resultados da campanha salarial dos metalúrgicos de São Paulo, a maior categoria do país, com cerca de 420 mil operários.

### CARESTIA COME SALÁRIO

Apesar dos metalúrgicos ainda não terem recebido o salário deste mês, incluindo o aumento desta campanha, já se nota o descontentamento da categoria. "O pessoal está reclamando que nem recebeu o aumento de salário e as coisas já dobraram de preço. O aumento do ônibus é o que mais deixa raiva. E agora ainda vem o aumento de 100% nos alugueis", explica um operário da Zona Sul.

Muitos operários nem sabem que a campanha salarial acabou, ou quanto vão receber de aumento, dada a pequena participação nesta campanha. O que não quer dizer que os metalúrgicos não estiverem dispostos a lutar contra os patrões pra ver as coisas melhores.

"O descontentamento este ano é maior. Muitas fábricas, que não pararam na greve anterior, este ano já fizeram greves parciais, como a MWM, onde os operários pararam para exigir o retorno de um companheiro, numa greve de solidariedade. Outras pararam contra as irregularidades da firma, como a Caterpillar e a Matarazzo".

### FALTOU A DIREÇÃO

Conforme ressalta um torneio mecânico, "a situação objetiva existe, o pessoal está empobrecendo e está reclamando. Agora o que faltou — isto é importante — foi o fator subjetivo, a organização. O pessoal não acredita na direção do movimento. A diretoria do sindicato, todos sabem, é traidora, só está visando fins eleitorais. E o grupo da

Oposição Sindical também nada fez, não tem base alguma".

Neste sentido a campanha salarial teve um saldo positivo. Serviu para evidenciar ainda mais que o rumo certo para o sindicato dos metalúrgicos não será dado nem pela diretoria pelega nem pela restrita Oposição. Uma parcela de ativistas mais conseqüentes entendeu isto e se lançou para o trabalho de mobilização, indo para as portas de fábrica, intervindo nas assembleias e realizando os "arrastões", ou seja, passando pelas empresas carregando o pessoal para o Cine Roxy (como na Fiel, onde se formou uma pequena passeata com 50 metalúrgicos). Na prática foi a única força que se lançou para mobilização, que tentou preparar a greve.

### AVANÇAR NA ORGANIZAÇÃO

A campanha serviu para acumular experiência, para romper vícios e avançar na organização da classe operária. "A divisão não interessa pra categoria. O que interessa é a formação de comissões de fábrica pra lutar pelos problemas mais sentidos. Temos também que achar a melhor forma possível de participar do sindicato".

Novas lutas se avizinham, como a campanha pelo reajuste de maio e a realização do Congresso dos Metalúrgicos para tirada de delegados para Conclat. Mas a mais importante batalha, sem dúvida, é a eleição da nova diretoria do sindicato, que para um dia estar nas mãos dos trabalhadores "vai precisar de muita luta". Organização de muitas fábricas, sindicalização de muita gente, fortalecimento do sindicato, participação nas atividades do sindicato e a formação de uma chapa que unifique os metalúrgicos de São Paulo são algumas das metas.

METALÚRGICOS DE PIRACICABA-SP

## Chapa 3 em ação!

Três chapas irão concorrer as eleições dos metalúrgicos de Piracicaba. A chapa 1 da situação, a chapa 2, que já competiu três vezes e não ganhou, e a chapa 3, que representa a força nova surgida na categoria.

A chapa 3 trouxe vida para a campanha. Logo de cara após o registro a chapa 3, "União dos Metalúrgicos", lançou o seu jornal, obrigando as chapas a se movimentarem, elevando o nível político das eleições e com isso ganhando prestígio junto a categoria.

Dos 18.000 metalúrgicos que trabalham em Piracicaba somente 6.000 são sindicalizados. Isto revela a pequena confiança que a categoria tem na atual diretoria. Um dos principais trabalhos da chapa 3 é demonstrar para os trabalhadores como é importante um sindicato combativo e atuante. Nas portas de fábrica os operários têm cobrado da atual diretoria a negociação prometida no fim da greve de abril.

Muito interessante foi a frase de um metalúrgico da Motocana, que



Mendes, candidato a presidente

quando perguntado se a inauguração da piscina do sindicato no dia 9 o fari votar na chapa 1 da situação, respondeu: "Meu chapa, piscina é coisa boa, mas não ganha eleição. Vamos tomar banho na piscina do Sindicato, mas vamos votar na chapa 3".

## O Pólo da miséria

No Polo Petroquímico de Camaçari, na Bahia, trabalham em média 5 mil operários submetidos às piores humilhações. Não têm direitos trabalhistas nem segurança no trabalho. São verdadeiros bóias-frias, trabalhando num dos maiores complexos industriais da América Latina. Todos os dias se dirigem ao trabalho trepados em pau-de-arara (caminhões). Estes são os trabalhadores ligados às empreiteiras, que fazem desde o serviço de construção civil até os serviços em contato com gases de alta periculosidade.

Muitos deles não têm noção do nível de exploração a que estão submetidos. Não possuem sindicato ou qualquer outro tipo de organização que facilite a luta de forma unificada. Os "peões", como são chamados, são os que mais sofrem. Um velho peão relata: "Eu nem sei o nome da fábrica em que estou trabalhando. Trabalho com empreiteiras, e eles não contratam a gente não. Tem semana que eu trabalho só dois dias. A gente não assina documento nenhum. A gente recebe por metro cúbico, só 100 cruzeiros".

### RISCO DE VIDA

Nas indústrias, esses trabalhadores estão expostos aos piores riscos, sem nenhuma segurança. A maioria não usa máscaras nem vestimentas adequadas. É como diz um velho trabalhador, com cerca de 65 anos: "Se o empreiteiro tiver consciência, pode fazer uma cobertura pra gente. Se não, a gente está chumbado, o

trabalhador morre na míngua".

Em virtude desse abandono, os acidentes de trabalho se multiplicam. Na maioria das vezes os acidentes ficam encobertos. Um trabalhador relata que viu "um dos piores acidentes do Polo: foi um acidente calamitoso, lá na Sertep. Um trabalhador caiu num tanque de ácido sulfúrico e morreu". Outro operário ilustra com mais um caso: "Teve um operário que caiu e o engenheiro falou que o operário era material de consumo e não tinha problema o acidente. Isso lá na montagem de uma fábrica, em São Roque. Nessa hora a peãozada reagiu e se juntou para pegar o cara, que logo tirou o corpo".

### MISÉRIA E REVOLTA

No Polo os operários têm que trazer comida de casa, já que a empresa não fornece. E o que se vê são centenas de trabalhadores comendo feijão misturado com farofa, a bomba.

Na última campanha salarial dos petroquímicos de Camaçari a situação em que vivem e trabalham estes cinco mil operários ligados às empreiteiras foi denunciada em assembleia, o que provocou grande revolta dos trabalhadores do Polo. Muitas reivindicações foram enviadas aos patrões, mas, até agora, a situação continua igual ou pior. Aos poucos os "peões" vão entendendo que só com muita luta irão conquistar estas melhorias mínimas. (Carlos Olímpio e Elisa, da sucursal de Salvador)

ASSEMBLÉIA DOS GRÁFICOS-SP

## "Reajuste na marra"

Os gráficos de S. Paulo estão em movimentada campanha salarial e sofrem ameaças e perseguições dos patrões. Na gráfica do Colégio Objetivo até mesmo a Maria Rodrigues foi atingida com uma suspensão por 30 dias, mesmo sendo diretora eleita do sindicato. O fascista Américo Magalhães, fugido de Angola, ameaça os trabalhadores da gráfica com a demissão de todos que tiverem carteirinha do sindicato. No encerramento da última as-

sembleia um operário entrevistado pelo Tribuna estava bastante firme: "Mesmo que não consigamos uma vitória total, continuaremos mobilizados e vamos tirar o reajuste trimestral na marra. Já vamos nos preparar para janeiro".

Como a categoria é dividida em duas datas-base — outubro e novembro — a luta pela unificação tem grande peso. No próximo domingo, dia 16 de novembro, os gráficos farão a sua assembleia decisiva.



O pelego manteve o sindicato fechado durante a campanha

ELETRICITÁRIOS DA BAHIA

## Renovar o sindicato

Os eletricitários da Bahia prepararam-se agora para mais uma importante batalha: a renovação do seu Sindicato, segundo Loureiro, candidato a tesoureiro pela chapa 2 de oposição: "Uma das dificuldades iniciais, logo superada, foi a desunião entre os trabalhadores de oposição em Paulo Afonso e de Salvador, da Chesf e da Coelba. A unificação foi um enorme avanço."

"Nosso programa inclui a luta pela Autonomia Sindical, pelo destrelamento dos sindicatos do Ministério do Trabalho e contra a legislação trabalhista que está sempre do lado do patrão", diz para o Tribuna Lázaro Bilac, candidato a Presidente, e ainda acrescentou "somos a favor da Central Única dos Trabalhadores, percebemos a necessidade dela".

Socorro, candidata a Diretora Social denuncia: "recebi 10 dias de suspensão, não me promoveram mesmo com concurso, isso além das propostas indecorosas, mas tenho o

apoio dos companheiros e não desisto."

### OPERÁRIOS ANIMADOS

Mais de duzentos operários da Chesf se reuniram para discutir a campanha da chapa 2 muito animados. Seu Inácio Catingueira, com quase trinta anos de Chesf, foi um dos mais aplaudidos: "Sou ignorante mas não sou pelego. O pelego, na hora da luta mete a cabeça para dentro do couro, que nem cagado. Estamos cansados de tantas injustiças. Estamos tendo muita união e precisamos fazer uma corrente bem forte. Nosso sindicato em Salvador parece uma estrebaria..."

Um outro operário confirmou a péssima qualidade dos aposentos do sindicato e também alertou para o perigo de fraude — "a arma do pelego".

Os operários estão dispostos a lutar "contra essa situação, onde feijão é só pros ricos" segundo disse Guasquiú, um dos componentes da chapa.

TÊXTEIS DE SÃO PAULO

## Não queremos migalhas

"Não queremos migalhas. Nossa luta é contra a fome". Estes eram os dizeres de uma faixa, assinada por um grupo de operários da fábrica Vicunha, que exprime a revolta dos têxteis frente a posição patronal, que na reunião de negociação nem compareceu e não respondeu às reivindicações dos trabalhadores. Ou melhor, ainda fez exigências: quer a redução do horário de almoço para meia hora, etc.

A assembleia decisiva da campanha dos têxteis será no próximo dia 23, no sindicato, e se espera um bom

comparecimento. A revolta dos operários é grande frente a arrogância dos patrões. "O patrão sem trabalhador não existe, mas o trabalhador sem o patrão existe", desabafou um operário.

Alguns jovens ativistas criticam, em parte, a diretoria do sindicato pela pequena mobilização da categoria. Ela tem feito de tudo para que não se forme a comissão de negociação e redação, impedindo o melhor desempenho dos têxteis. No lugar da categoria vai para a mesa de negociação um "bando de jornalistas da Oboré" denuncia um têxtil.



### Voith assassina

São Paulo, SP — A Voith é uma metalúrgica que se gaba de tratar muito bem seus operários. Dizem até que a firma é a "família Voith" mas a verdade é bem diferente. José um trabalhador da caldearia, sentiu-se mal e procurou o Serviço Médico da empresa. O médico como sempre, deu-lhe alguns comprimidos e o mandou de volta para o trabalho. Acontece que o companheiro estava com apendicite aguda. A coisa piorou e, quando José deu entrada no Hospital, estava com o apêndice estourado e morreu.

Grande revolta existe entre os operários, que estão exigindo o afastamento do Dr. Cleber, Chefe do Departamento Médico, através de um abaixo assinado e do apelo do sindicato e outras entidades populares.

### Caminhões parados

Cegonheiros, SP — Cem cegonheiros realizaram passeata em São Bernardo como protesto pela intransigência dos empresários, que lhes negam um reajuste no frete. Depois da manifestação, realizaram uma assembleia onde decidiram manter o movimento de locaute. Mesmo com as violências policiais os cegonheiros estão cada vez mais firmes. Em Minas Gerais 350 caminhões também estão parados, obrigando a Fiat a estocar 2.800 carros.

### Mais um sindicato

Candiba, BA — Depois de muita luta os lavradores de Candiba fundaram seu sindicato, numa assembleia animada, com mais de 300 pessoas, representantes da Fung, CPTI e dos sindicatos de Guanambi e Pindaí. No ocasião, em entrevista a Tribuna, o Miguelzinho, um dos fundadores da entidade, disse que o "sindicato vai lutar pela reforma agrária radical, único remédio para a questão do

homem do campo, que vive explorado e abandonado. (da sucursal).

### Souza Cruz demite

Fumageiros, MG — No dia 30 de outubro a Souza Cruz jogou mais 600 operários no desemprego, ao fechar a sua fábrica em Belo Horizonte, perfazendo assim quase mil empregados demitidos neste ano. O fechamento desta fábrica não significa que a empresa esteja na falência, ao contrário. Em 1979 a Souza Cruz teve lucro de 4 bilhões e 353 milhões. E ainda neste ano ganhou do governo uma enorme área em Uberlândia (MG), com isenção de imposto e incentivos fiscais. O Sindicato junto com os trabalhadores estão exigindo que o governo force a Souza Cruz a reabrir a fábrica e readmitir os operários (da Sucursal).

### Capanga da Lundgren

Pitimbu, PB — A violência vem se alastrando contra os posseiros da fazenda Camucim, de propriedade do Grupo Lundgren, um dos grandes grupos latifundiários e industriais do país. A situação chegou a um tal nível que culminou com a polícia proibindo o bispo dom José Maria Pires de celebrar missa. No dia 29 de outubro, em mutirão, os camponeses plantaram 50 quilos de feijão. Mas no dia 30, os donos da fazenda mandaram arrancar, enquanto um carro cheio de capangas vigiava o local.

### Greve na Corsanto

Serra, ES — Sem receber seus salários desde setembro, os 146 operários do Cortume Espírito Santo S/A. (Corsanto) estão em greve há mais de trinta dias. Os trabalhadores não têm adicional de insalubridade nem restaurante dentro da fábrica. A empresa não paga o 13º salário e a DRT não toma nenhuma providência. (da Sucursal)



Ottavio Vileardo

Assembléia do Rio Grande do Sul e em Goiás: braços erguidos contra a miséria.

# Epidemia nacional de greves

Na maior assembléia da categoria já vista no Estado, com cerca de 16 mil pessoas lotando o estádio Gigantinho, os professores da capital e interior do Rio Grande do Sul decidiram no último dia 1 continuar a greve até que suas exigências sejam atendidas. Eles haviam paralisado as atividades por dois dias (30 e 31) para pressionarem o governo e testarem suas forças. Do governo não arrancaram nada, mas, em compensação, comprovaram a disposição da categoria.

Já na apresentação das propostas dos núcleos do Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERGS) ficou clara a união e combatividade da categoria. Qualquer proposta contrária à greve ou vacilante era rechaçada imediatamente. A voz geral era de greve agora por reposição salarial de 45,27% a partir de outubro; reajuste salarial de 100% a partir de janeiro; mais verbas para educação (12% do orçamento federal e 30% do estadual); escolha da direção da escola pelos professores; reajuste trimestral; 13º

salário; etc. Graças à experiência da greve passada, os professores nesta luta estavam melhor organizados. Formaram um comando de mobilização, centralizado pelo CPERGS; criaram um boletim informativo diário; e realizaram inúmeras reuniões com alunos e pais de alunos conseguindo grande apoio da população à greve. Um fato interessante que está se generalizando no Estado é de diretores de escolas colocarem seus cargos a disposição do governo e aderirem ao movimento grevista.

## AMPLAS E RADICAIS

Além da paralisação dos mestres paranaenses, em meados de outubro, e dos gaúchos, também estão em greve os professores da Paraíba, os de Imperatriz, no Maranhão, e os professores universitários paralisaram suas atividades nacionalmente durante dois dias (5 e 6 de novembro), sendo que em Goiás ainda prossegue a greve na Universidade Federal. Esta combatividade do magistério é reflexo do descontentamento da categoria, cada dia mais marginalizada. Ela continua tendo aumentos anuais de salário, excluída da nova política salarial do governo.

No Maranhão eles ganham dois mil cruzeiros por mês e têm que fazer como uma professora de Imperatriz, viúva, com cinco filhos, que levanta todo dia às seis horas da manhã para fazer bolo para os meninos venderem na rua. Outras são manicures, costureiras, etc.

“Ser professor hoje é ser mendigo, relata um professor do Rio Grande do Sul. A gente que trabalha na periferia tem que estar batendo nas portas pedindo auxílio, já que o governo não oferece nada. Estamos cansados dessa situação, não dá mais”.

É a miséria que leva os professores a ações mais ousadas, tira-lhes a mentalidade de classe média e levanta para luta. Em Imperatriz os professores da rede municipal chegaram a invadir a prefeitura para exigir melhorias, mostrando até onde podem chegar pela vitória.

## SANTA LUZIA-MA

### Eleições anuladas

Por falta de quórum (apenas 800 lavradores votaram numa entidade que, muito mais de sete mil sócios) foram anuladas as eleições, realizadas no dia 2, para o sindicato dos trabalhadores rurais de Santa Luzia, no Maranhão. Agora nova data será marcada para o pleito.

Com os acontecimentos deste dia ficou claro para todos que a chapa da situação, encabeçada pelo pelego Honorato S. Oliveira, conta com apoio dos grileiros, fazendeiros, políticos do PDS e até da igreja, dirigida pelo bispo policial de Viana, Dom Adalberto. Já a Chapa de oposição, a 2, conta somente com o apoio dos lavradores de Santa Luzia. Esta região é bastante violenta, com a atuação de grileiros e polícia, e os camponeses já notaram que necessitam do sindicato forte. (da Sucursal)

## CANAVIEIROS DE SÃO LOURENÇO-PE

### Sindicato com união

Mil e quinhentos trabalhadores estiveram presentes no último domingo de outubro à posse da diretoria do sindicato dos trabalhadores rurais de São Lourenço da Mata, em Pernambuco. O encontro teve uma dupla finalidade: empossar a diretoria e comemorar a vitória da última greve dos canavieiros. José Francisco, presidente da Contag, José Rodrigues, da Fetape, sindicatos vizinhos, além do deputado federal Marcus Cunha foram alguns dos convidados.

Agapito Francisco dos Santos, reeleito presidente sem a menor dificuldade, considerado um sindicalista combativo, abriu a solenidade denunciando os bilhetes anônimos que tem recebido com ameaças de morte. Reafirmou seu compromisso de fazer “um sindicato com união, onde não haja lugar para

pelegos comprados por patrões!” Um dos momentos de maior vibração foi quando anunciou que, melhor maneira de preparar a próxima greve é continuar o trabalho de base, de ampliação e consolidação dos delegados sindicais.

O sindicato de São Lourenço, assim como o de Paudalho, é um dos exemplos mais significativos de diretoria a serviço dos interesses dos camponeses. Neste sindicato tornou-se sem efeito o desconto da contribuição dos associados através da folha de pagamento, mesmo porque muitos patrões não repassavam o dinheiro regularmente ou deixava de fazê-lo. Agora, as contribuições chegam ao sindicato pelas próprias mãos dos trabalhadores; e o que se viu foi uma corrida voluntária, maciça, de camponeses às delegacias sindicais e à tesouraria.

## ENCONTRO INDÍGENA-AL

### Índios denunciam opressão

Pela primeira vez as tribos indígenas de Alagoas reuniram-se para discutir seus problemas. Numa promoção da Sociedade Alagoana de Defesa dos Direitos Humanos, foi realizado o I Encontro Indígena de Alagoas nos dias 8 e 9 de novembro.

O encontro teve importante saldo organizativo. Com a aprovação unânime das tribos presentes (Wassu'tangui, Kárin'xoco, xucuru'kariiri) foi formada a Comissão Estadual do Índio, que fará parte da União das Nações Indígenas do Brasil. Juntamente com a SADDH os indígenas formarão, também, a Comissão Pró-Índio de Alagoas.

Os índios fizeram importantes denúncias: o representante da tribo Tingui afirmou: “Minha aldeia tinha 57 mil alqueires de terra, hoje tem 300 alqueires e, nessa terra não dá nem mandacaru”.

Hibes Menino de Freitas é um Wassu e denunciou a fábrica Salgema, onde trabalha em péssimas condições: “A condição de operário me deu uma visão maior do problema do índio. Na comunidade dos brancos senti o problema do povo da cidade na pele. Aprendi também a necessidade de união para lutar pelos nossos direitos e por isso esse encontro é importante: saiu daqui a nossa união.”



Lavradores já distribuem as sementes. Sinal de vitória.

## CACHOEIRA DO MACACU-RJ

### Vamos tomar a terra

Os lavradores de Cachoeira de Macacu, no Rio de Janeiro, estão decididos a tomar para si as terras da Fazenda São José da Boa Morte. No próximo dia 19, no sítio Shallon, haverá uma assembléia (espera-se mais de mil trabalhadores) onde se decidirá o que fazer.

Preparados para a tomada da terra os lavradores estão. O sindicato dos trabalhadores rurais da região, com João de Jesus na presidência, realizou inúmeras reuniões com as localidades de Marubá, Quisanga, Vecki, Areia Branca e Km 11, o que

aumentou a organização e a combatividade dos lavradores.

Nenhum deles aceita que estas terras continuem intocáveis e que o governo até agora não tenha dado resposta ao sindicato que em 1962 solicitou ao Incri o parcelamento da área entre os lavradores. Todos têm um grande anseio: verem finalmente as terras divididas entre as 26.000 pessoas da região. A certeza de que em breve a terra será de todos é tão grande que já há distribuição de sementes de feijão para o plantio na fazenda. (da Sucursal)

## COLONOS SEM TERRA-RS

### Acampados em frente ao Palácio

“De promessa já estamos cheios. Só saímos daqui sabendo onde vamos morar. Queremos terra para trabalhar. Promessa é pra santo”. Com essa disposição, no dia 4 de novembro chegaram a Porto Alegre 46 colonos, representando 120 famílias de colonos sem terra, para exigir do governador do Rio Grande do Sul, Amarel de Souza, uma solução para seus problemas.

Essas famílias fazem parte do grupo de posseiros expulsos da área indígena de Nonoi e Planalto, em 1977. Desde aí eles vivem pela beira de estrada, aguentando enrolações do governo. Há pouco mais de um ano, eles invadiram a Granja Brilhante e até hoje estão lá morando em barracos miseráveis, feitos com sacos de adubo e capim, cercado por uma barreira de policiais, esperando a resposta das “autoridades”. As condições de vida desse pessoal são das piores. O rancho enviado pelo Estado só dá para 15 dias.

Agora eles estão acampados em frente ao Palácio do Governo, o Piratini, aguardando a resposta satisfatória às suas exigências: terras para irem plantando o feijão ainda este ano; instrumentos agrícolas e sementes; e o afastamento da polícia de lá. Eles argumentam que não são ladrões. Criminosos são os governantes. (da Sucursal)

VOTE NA OPOSIÇÃO

## CHAPA 2

### REME-MAIS

RENOVAÇÃO MÉDICA • MOVIMENTO AUTÊNTICO INDEPENDENTE SINDICAL  
SINDICATO DOS MÉDICOS-RJ

RENOVAÇÃO MÉDICA • MOVIMENTO AUTÊNTICO INDEPENDENTE SINDICAL SINDICATO DOS MÉDICOS-RJ

### Vai dar Chapa 2

“O salário do médico é irrisório — menos de três salários mínimos no INAMP-PS — as condições de trabalho são caóticas, com falta de recursos básicos para o atendimento da população”. Assim a Chapa 2 — **Remé-Mais** — que concorre à eleição no sindicato dos médicos do Rio de Janeiro, de 1 a 5 de dezembro, define a situação da maioria dos médicos.

“Para melhorar esta situação a reconquista do sindicato é um passo importante. A atual diretoria é pelega e seu presidente, João Carlos, é ligado ao partido controlado pelo governador Chagas

Freitas, o PP, que mantém uma prática de corrupção, adesismo e negociatas com o governo federal e com grandes grupos econômicos”, afirma um membro da Chapa 2, que acrescenta: “Precisamos de um sindicato combativo, que rompa com o imobilismo, e democrático nas suas formas de deliberação, garantindo participação ativa dos médicos”. A Chapa, no programa, defende a luta por uma Assembléia Nacional Constituinte soberana, “respaldada na representatividade dos setores majoritários da população.”

## INTERNACIONAL



### Ameaça sobre a Polónia

Tropas soviéticas estão realizando manobras conjuntas com o exército polonês, como uma demonstração de força diante das ameaças dos trabalhadores da Polónia de entrarem em greve novamente, caso o governo continue com suas manobras para sabotar os acordos firmados em agosto último. No dia 3 de outubro, centenas de milhares de trabalhadores efetuaram uma greve de uma hora, para forçar o governo a pagar um aumento equivalente a 1.500 cruzeiros. Em seguida, o governo apresentou uma série de entraves quanto à legalização dos sindicatos, levando os trabalhadores a preparar uma outra greve. Isso forçou as autoridades a recuar, inquietando a União Soviética e os governos de outros países satélites, como a Alemanha Oriental e Tchecoslováquia, que temem que a agitação operária contagie seus países.

### Operários traídos

A greve dos operários da Fiat, contra as demissões que a empresa pretendia fazer em suas fábricas na Itália, poderá ser reiniciada nos próximos meses, pois os trabalhadores se sentem traídos pelo acordo firmado pelas três centrais sindicais do país.

Após 35 dias de greve e uma gigantesca mobilização de apoio de centenas de milhares de trabalhadores, os operários da Fiat voltaram ao trabalho, conseguindo apenas que a multinacional substituisse seu plano de demitir 14 mil por outro de suspensão de 23 mil trabalhadores durante 15 meses.

## INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL

### Desemprego na Europa

A onda de desemprego gerada pela crise do capitalismo está campeando à solta na Europa. Nos nove países membros do Mercado Comum Europeu (MCE), cerca de sete milhões de trabalhadores não tinham emprego em setembro passado, representando 6,5% do total da força de trabalho. Somente nos últimos quatro meses, o número de demitidos chegou a um milhão.

### China equipa repressão

O governo chinês continua a se esforçar para evitar qualquer semelhança com um regime socialista. No dia 20 passado, ele solicitou ao governo dos Estados Unidos uma autorização para comprar os sofisticados fuzis usados pela polícia norte-americana, para “reequipar as forças policiais chinesas”. Pouco depois, iniciou o expurgo de centenas de líderes considerados de “ultra-esquerda”. Basta ligar os fatos para saber porque Pequim está tão interessada em modernizar sua polícia.

### Resposta guerrilheira

Guerrilheiros de El Salvador realizaram no dia 8 uma poderosa ofensiva em San Salvador, capital do país, atacando o quartel de San Marcos, o maior da cidade, e vários postos policiais. Os ataques foram uma resposta ao terrorismo desencadeado pela junta militar salvadorenha, cujos bandos fascistas são responsáveis por milhares de assassinatos.

### O medo de Meza

O ditador boliviano Garcia Meza está muito preocupado: desde o início do mês está fazendo ameaças, dizendo que ocorrerá uma “guerra civil” caso tentem derrubá-lo. É que, segundo refugiados, os militares que o levaram ao poder estão divididos, e uma boa parte preferiria colocar um governo moderado, antes que o povo boliviano escorraça a todos do poder.

### Albânia: o socialismo de verdade

Certa vez, numa Assembléia Geral da ONU, o representante de uma nação africana confidenciou ao seu colega albanês: “Para mim, só existem três votos independentes nesta assembléia: o dos Estados Unidos, o da União Soviética e o de vocês”. E realmente, num mundo onde a regra é a submissão às superpotências, a Albânia é a exceção. Já se disse que ela era satélite da Iugoslávia, da União Soviética, da China. Mas ela desmentiu a todos, mantendo sua independência em toda linha.

### NADA DE DIVIDAS

O pano de fundo dessa realidade é o ardente patriotismo dos albaneses. Num país que sempre viveu sob o domínio de invasores estrangeiros, até a libertação em 1944, o povo aprendeu a dar valor à independência. Inúmeras vezes pegou em armas para lutar por ela. Isto porém não bastaria. Para haver independência de fato, foi preciso construir um sistema social capaz desta proeza — o socialismo. Somente quando os trabalhadores tornaram-se donos do poder, o país pôde aproveitar seus recursos próprios, naturais e humanos, desenvolvendo-se fora da órbita das potências estrangeiras.

### O socialismo livrou a Albânia das multinacionais e da chanta-

gem do capital financeiro. A própria Constituição albanesa proíbe sem rodeios a instalação de empresas de capital estrangeiro ou associado no país. Proíbe também o endividamento externo. Mesmo assim, a produção cresce depressa. Nos últimos anos, o país tornou-se auto-suficiente em matéria de trigo, implantou sua siderurgia, construiu seu primeiro trator e criou um sofisticado centro de refino do petróleo albanês. São provas vivas da falsidade dos governantes de outros países, às vezes bem maiores e mais ricos, que julgam impossível qualquer desenvolvimento sem abrir as portas para o capital estrangeiro.

### Independentes em toda linha

A mesma linha de independência acima de tudo vigora nos outros países. A Constituição proíbe a instalação de bases militares estrangeiras em território albanês. No plano cultural, há um contato estreito com o que existe de melhor na literatura, cinema e



Monumento à independência em Vlora

### POLÍTICA PRÓPRIA

A mesma linha de independência acima de tudo vigora nos outros países. A Constituição proíbe a instalação de bases militares estrangeiras em território albanês. No plano cultural, há um contato estreito com o que existe de melhor na literatura, cinema e

teatro mundiais, mas também uma vigilância aguda para garantir a marca nacional e popular da arte albanesa. E no campo político os iugoslavos, os kruschovistas soviéticos e agora os chineses sabem que a conduta independente e de princípios da Albânia não está à venda por preço algum.

## URUGUAU

### Repúdio à farsa eleitoral

No dia 30 próximo, mais uma ditadura militar latino-americana promoverá um “plebiscito constitucional”: agora é a vez dos generais uruguaios tentarem institucionalizar seu regime de repressão através da fraude eleitoral, da chantagem e da intimidação do povo, vítima de um dos maiores massacres já ocorridos na América do Sul.

O plebiscito segue os mesmos moldes da farsa montada pela ditadura chilena para aprovar o seu simulacro de constituição, mas os generais uruguaios se destacam em um ponto: na arrogância. O comandante do Exército uruaúo, o general Queirolo, já declarou que nada vai mudar, e não se deve esperar nenhuma abertura, pois “aos vencedores não se exige condições”.

E para não deixar lugar a dúvidas quanto à sua disposição, a ditadura uruguaia iniciou uma feroz repressão. Mais de 50 pessoas foram detidas, incluindo o dirigente do Partido Socialista, José Pedro Cardoso, e várias pessoas estão desaparecidas. Ao mesmo tempo, prosseguem os preparativos para a farsa: as urnas não terão nenhuma fiscalização, e uma pessoa poderá votar quantas vezes quiser.

Essa encenação está sendo repudiada e denunciada no mundo inteiro, inclusive no Brasil, onde diversas entidades democráticas e populares pretendem realizar atos de solidariedade ao povo uruguaio. Em São Paulo, será feito um ato no dia 19, às 20 horas, no Sindicato dos Jornalistas, quando completará dois anos o sequestro dos uruguaios Elian Celiberti e Universitario Dias por agentes da polícia do Brasil e Uruguaú.

MORTOS E DESAPARECIDOS NA GUERRILHA DO ARAGUAIA-PA

# fala o POVO

Nossa seção vem recebendo um número cada vez maior de cartas, vindas de todos os cantos do país. Por isso, voltamos a pedir: escreva "curto e grosso", queremos dar oportunidade a todos de fazer sua denúncia, relatar um fato, dar sua opinião.

"Fala o Povo" vem tendo cada vez mais também uma cor operária, com cartas vindas das fábricas, empresas, canteiros de obras. Isso mostra que no nosso jornal vem conseguindo cumprir seu papel de ser uma tribuna a serviço da classe operária, de seu presente e de seu futuro. Uma tribuna a serviço dos interesses das massas populares. Continuem a escrever.

Dessa forma, estarão nos ajudando a realizar nosso programa de luta, refletindo os anseios de nosso povo. (Olívia Rangel)



EXPULSÃO DO PADRE VITO - RJ

## Legislação fascista

Tendo acompanhado pelos jornais a sucessão de fatos acontecidos em Ribeirão (PE), a propósito da atitude assumida pelo padre Vito Miracapillo, que se negou a celebrar missa comemorativa pela "independência" do Brasil, vemos concretizar-se mais um ato, fruto do arbítrio que se abate sobre aqueles que, neste país, comprometem-se com a verdadeira independência do povo brasileiro. Tal atitude parte daqueles que tentam conter a todo custo a caminhada do povo que hoje busca a sua livre organização para a conquista de uma sociedade sem explorados e exploradores.

Vimos recentemente ser aprovado no Congresso Nacional o Estatuto dos Estrangeiros, que compreendemos como parte do projeto de "abertura" política do governo, condenado por todos os setores comprometidos com a luta pelos Direitos Humanos em nosso país, e vemos agora suas conseqüências. Acha-

mos importante denunciar que há hoje no Brasil dois estatutos dos estrangeiros: um que impede a presença e cerceia a liberdade de pessoas como o padre Vito; outro que escancara as portas de nossa economia e de nosso território aos Ludwig e Rockefeller (entre outros), estes sim, interessados na total alienação de nossos recursos e do trabalho do povo da cidade e do campo, contando com o incentivo e o apoio daqueles que hoje nos governam — devemos indagar, com que legitimidade?...

Queremos manifestar a nossa solidariedade ao padre Vito e a todos aqueles que lutam e se arriscam pela libertação do povo. Ao mesmo tempo repudiamos sua expulsão do país, que consideramos um ato desleal, leviano e antidemocrático do governo, este sim, perante o povo, "persona non grata". (Carlos César dos Santos e mais 5 assinaturas - Niterói, RJ)

OPERÁRIOS DA NOVA AMÉRICA - RJ

## Sem direito a banho

Trabalhamos 8 horas por dia com um tremendo barulho e não ganhamos um centavo de insalubridade. Um dos rapazes trabalha aqui há um ano e ainda não conhece refeitório, pois ele come junto às máquinas. E à noite, quando



ALÔ... DOUTOR? TEM UM EMPREGADO MEU NO CONSULTÓRIO, COM DOR DE BARRIGA, É O QUE COMBINAMOS, HEM DOUTOR? BENZETACIL NA VEIA E TUDO BEM, MANDA DE VOLTA.



vai embora, não tem chuveiro para tomar banho. Tem apenas uma pia pra gente lavar a marmita, e se a gente reclama eles dizem que não colocam porque o pessoal quebra. Eu não entendo isto, porque nós é que somos prejudicados, porque tem muita gente que vai da fábrica direto pra escola e vai todo sujo.

Outra coisa que eu queria falar também é sobre o médico daqui da fábrica. Primeiro ele não é médico, é veterinário e nos trata como se a gente fosse bicho. A gente chega lá com dor de cabeça, resfriado ou com dor de barriga e o remédio é o mesmo: Benzetacil na veia e a gente tem que voltar pro trabalho. E quem trabalha na produção é que se lasca, porque devido à doença, depois de tomar a injeção fica pior porque a gente fica tonto e a produção cai bastante. Daí a gente tem que apelar para hora extra.

Outra coisa: a gente desconta INPS e não podemos ir consultar

porque eles não aceitam atestado médico do INPS. Descontam e pronto, e a gente que se dane.

A maior parte da seção que trabalho é de meninos de 13 a 15 anos que ganham salário mínimo. Tem muitos meninos fazendo trabalho de gente grande e ganhando salário mínimo. Era só isso que eu e meus companheiros queríamos falar (Operários da fábrica Nova América - Rio de Janeiro)

PÓESIA SOBRE CONSTITUINTE - PR

## Por um governo do povo

Trabalhadores, estudantes, camponeses e o povo em geral. Estamos todos organizados. Para acabar com a exploração atual.

Aquele que protesta. Pela polícia é torturado. Ou do país é exilado. E sempre por imprensa Direitista é repudiado.

Mas nem assim. O povo está parado. Nos campos, nas cidades, Nas escolas, universidades, Todo povo organizado.

Lutaremos para que o Brasil Seja um país de liberdade, Onde exista democracia E o povo esteja em unidade



O povo em geral Para o Brasil mudar Vai ter que eleger uma Assembléia Constituinte E só assim a exploração Vai acabar

Só mudaremos as leis do país Quando acabar o regime militar E o povo eleger Um governo democrático E de unidade popular. (V.L.S. - 15 anos - Curitiba, PR)

# Presentes em nossa luta

Quem poderia imaginar que tão frágil e falsa abertura desse margem a esse incrível acontecimento? Dia 26 de outubro de 1980. Catedral de Marabá. Missa de domingo à noite. Os costumesiros freqüentadores nem percebem que algo de grandioso vai acontecer. De repente, a revelação: D. Alano Maria Pena inicia uma missa pelos jovens guerrilheiros mortos na guerrilha do Araguaia.

D. Alano acrescenta: "está presente um grupo de pais e parentes dos jovens, além de representantes de Comissões de Direitos Humanos de vários estados e representantes da OAB". E diz ainda: "Vocês, que vieram aqui para tudo gravar e depois transmitir a seus superiores, prestem bem atenção, ajeitem bem seus gra-

vadores, para não perder uma só palavra do que será dito aqui."

É a redenção dessa terrível chaga que encobre Marabá desde 70: a vergonha de se falar de um tempo negro, de terror organizado pelas mãos dos militares, do controle de uma população apavorada. Uma população que se calou, pela opressão e pelo medo, e por isso foi conivente com um vergonhoso fratricídio.

Inicia-se a missa com a chamada dos nomes de todos os guerrilheiros. A cada nome o grupo de pais, em pé, respondia: "presente!" O grupo de parentes está lutando por uma palavra das forças militares a respeito de seus filhos. Estão mortos ou desaparecidos? Se estão mortos,

onde estão seus ossos? Por que esse medo do governo, em falar sobre uma guerra que envolveu 20 mil militares, para dizimar um grupo de 60 e poucos jovens? Porque até hoje o controle militar, que se fez presente há poucos dias, na zona do conflito, avisando aos moradores: "Quem abrir a boca vai pagar por isso".

Ao fim da missa a mãe de uma das moças fala em nome de todo o grupo. Faz um apelo veemente para que todos entendam o ideal de seus filhos. Seus filhos eram jovens que lutaram por uma crença, fizeram uma opção de vida. Eles apenas quiseram um Brasil mais justo e igualitário. Que lhes sejam devolvidos agora seus corpos. E ela terminou com a leitura de um poema de Ernesto Cardenal.

Ao final Dom Alano pede aos presentes que dêem seu abraço a essas famílias, demonstrando assim a solidariedade do povo de Marabá.

É incrível o que se vê: a igreja em peso (menos os "olheiros" do regime) cerca os integrantes da caravana, abraça-os, dá seu apoio. Quem conheceu alguns dos "meninos" conta o que sabe, sempre pouco sempre quase nada, mas que enche o coração daqueles pais que percorrem, atônitos, o mesmo intrépido roteiro de seus jovens heróis, dos nossos jovens heróis.

Marabá ressuscita. E tenta resgatar um importante trecho de nossa história, que estava exilado de todas as consciências. (J.L. - Marabá, PA)

FUNCIONÁRIOS DO BRADESCO - BA

## Coisa do diabo

O Bradesco é um banco que acredita em Deus e faz coisa do diabo. A falta de liberdade chega ao ponto de proibir a nós funcionários de crescer barba e cabelo. Existem setores em que não é permitido dar nem receber telefonemas. Trabalhamos como se fôssemos máquinas, pois o objetivo do Bradesco é nos transformar em robôs.

Chega a ser rotina trabalhar dez a doze horas consecutivas sem ao menos horário para merenda. É comum merendar com uma mão e trabalhar com a outra, sendo que às vezes a merenda, que é um copo de refresco e um pão com queijo ou doce, vem deteriorada. O salário é uma vergonha. Existe escriturário hoje

(outubro de 1980) ganhando Cr\$ ..... 4.200,00. O trabalho é tão intenso e a pressão dos chefes é tão grande, que é comum funcionários neuróticos.

Um companheiro nosso que já estava neurótico e tinha mais de dez anos de banco, foi colocado pra fora sem nenhuma justificativa. As mulheres que engravidam e os funcionários que adoecem, correm grande risco de serem colocados para fora. Só assim o Bradesco se transforma no maior banco particular da América Latina, acreditando em Deus e massacrando aqueles que, forçados pelas circunstâncias, são responsáveis pelo seu enriquecimento. (Um funcionário do Bradesco - Salvador, BA)

JUDEPRO - PR

## Pela Constituinte

O destino da juventude brasileira, particularmente a partir de 1964, passou a ser perigosamente ameaçado pelo regime imposto pelos militares, que reconhecendo a força dos jovens procura por todos os meios tirá-los de ação.

O jovem devido à condição de vida se vê obrigado a trabalhar desde a adolescência. Com isso lhe é roubado o direito de estudar e trabalhar dignamente. No trabalho é explorado em todos os aspectos. São forçados a trabalhar além das oito horas, recebendo exíguos salários.

Os poucos que conseguem estudar não encontram um aprendizado decente, pois só lhe é cabido aprender aquilo que o governo impõe.

Por isso jovens, vamos apoiar esta luta pela Constituinte, porque já não dá mais para suportar tudo o que nos é imposto. É preciso fazer uma nova Constituição que assegure os direitos dos jovens e para isso precisamos de alguém que nos represente na Assembléia Constituinte. (JUDEPRO - Cambé, PR)

METALÚRGICAS - RJ

## Exploração sem limite

Nós trabalhamos na fábrica Loy Ely Umpeere com mais de 350 operários metalúrgicos e queremos através do nosso jornal **Tribuna Operária** denunciar as arbitrariedades que são cometidas aqui dentro. Já denunciamos o fato ao nosso sindicato que, por ter uma diretoria pelega e a favor dos patrões, não fez nada por nós.

Uma das maiores explorações é que trabalhamos 11 horas e meia, com uma hora de almoço e 15 minutos de lanche e as horas que trabalhamos após as oito horas não são pagas como horas extras. Outra coisa: no ano passado, na época da greve, nós não fomos à fábrica durante seis dias, e quando chegamos eles nos descontaram os seis dias em dinheiro. Agora, novamente estão descontando nas férias.

Aqui eles mandam a gente embora sempre. Algum tempo atrás, mandaram duas companheiras nossas embora, uma com três anos de casa e a outra com quatro, e as duas com 8 meses de gravidez. Outra coisa que a gente já esquecendo: se a gente chega tarde, até dois minutos, eles nos descontam 30 minutos. Isto é para vocês verem que além de termos que trabalhar por um salário que mal dá pra comer, eles tentam nos explorar de todos os jeitos.

Nós daqui da Loy Ely Umpeere mandamos um recado para os companheiros metalúrgicos do Rio. Vamos lutar pelo nosso sindicato, vamos tirar os pelegos lá de dentro. Vamos apoiar a melhor chapa que é a 2 e a todos os amigos deste jornal, que a luta não pode parar. (Metalúrgicas amigas da **Tribuna Operária** - Rio de Janeiro, RJ)

OPERÁRIOS DOS ESTALEIROS DA EBIN - RJ

## Direito de cruzar os braços

Há muito tempo que os operários da Ebin estão sofrendo. As condições para trabalhar são as piores possíveis. A alimentação é fraca, não sustenta. Os médicos só servem para dar um remédio pro cara que está definhando de fome e de trabalhar sem parar. Tudo é vigiado, até o tempo que o operário fica no banheiro. Até pouco tempo estava havendo demissão em massa. Agora estão mandando embora aos pouquinhos, pra ninguém notar.



200 delegados de 15 escolas participaram do I Encontro de Estudantes

SECUNDARISTAS GOIANOS - GO

## Unidade com luta

O I Encontro de Estudantes Secundaristas Goianos realizado no dia 5 de setembro contou com a participação de mais de 300 estudantes, com quase 200 delegados de 15 escolas das redes federal, estadual, municipal e particular.

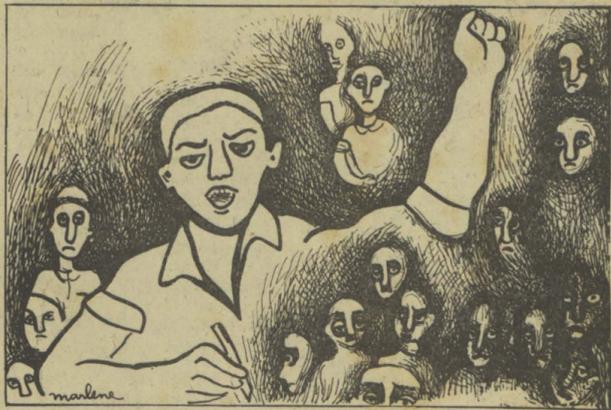
Discutiu-se o quadro precário do ensino brasileiro. A discussão mais acirrada foi sobre a reorganização das entidades estudantis, a volta dos grêmios, e a criação da União Municipal dos Estudantes Secundaristas, a UMES-GO. O movimento secundarista goiano ressurgiu no ano passado com a criação da Frente de Reorganização do Movimento Secundarista. Com esse avanço, cresceu a necessidade de se criar uma entidade municipal.

Os reformistas tentaram de todas as

maneiras tumultuar o encontro, para evitar a criação da Comissão Pró-UMES. Mas isso não deu certo, pois eles se isolaram da massa estudantil, que exigiu a criação da Comissão, com representantes de cada colégio, com data marcada para o Congresso de fundação entre 22 e 23 de novembro.

Os reformistas, ao perceberem seu isolamento, se renderam pregando a "unidade do movimento".

A massa estudantil, aprendeu na prática que esses que pregam a "unidade pela unidade" são os primeiros a conciliar com esse regime de fome e entreguismo dos militares, ao tentarem barrar o movimento secundarista que avança cada dia mais. (Um secundarista goiano - Goiânia, GO).



CONSTRUÇÃO CIVIL DE RANCHARIA - SP

## Uma batalha campal

Na quinta-feira, dia 2 de outubro, no canteiro de obras da CBPO, onde está sendo construída uma barragem no rio Tietê, próximo a Birigui, no momento da janta, um operário esbarrou em outro operário. Daí que o operário se sentiu ofendido e deu uma bandejada no rapaz que lhe havia esbarrado, começando uma confusão.

Logo chega um guarda de segurança e ameaça juliar e humilhar o rapaz que desferiu a pancada. Os demais operários vendo aquilo se revoltaram com a segurança da firma e passaram a apedrejar a guarita dos guardas e todas as vidraças que apareciam pela frente. Foi uma verdadeira batalha. Logo um guarda deu um tiro, em seguida apareceu a polícia armada de metralhadoras, que ficou vários dias a procurar operários "suspeitos".

Cerca de cem operários que eram sus-

peitos foram mandados embora sem direitos, mesmo não se comprovando, nada contra eles. Mesmo as pessoas que faziam horas extras e que não viram a confusão foram mandadas embora e até os que apenas assistiam a confusão.

É um clima de insegurança. O salário é de fome, a perseguição continua. A firma vem mandando gente embora constantemente e aproveitou desta confusão para mandar embora inclusive pais de família, que tanto necessitam de empregos. Há falta de empregos e os patrões se prevalecem disso para humilhar os operários e diminuir-lhes os salários.

Esta pouca vergonha só terá fim com a união do povo, quando juntos derrubarmos este governo de fome e com a instalação de um governo democrático e popular, onde o povo possa participar livremente. (Amigo da **Tribuna** em Rancharia, SP)



# Um pistoleiro na Casa Branca

A eleição de Ronald Reagan para a presidência dos Estados Unidos, derrotando o "democrata" Jimmy Carter, foi um passo da burguesia monopolista americana para posições ainda mais direitistas. Mostra a agressividade desses monopólios no combate à expansão da outra superpotência, a União Soviética. E o seu desespero com o avanço revolucionário dos trabalhadores e povos oprimidos, que a "política de direitos humanos" seguida por Carter não conseguiu deter.

Diante disso, os grupos monopolistas dos EUA apostaram em Reagan como o homem talhado para administrar o país e sua política externa com mão de ferro.

### MARCA PARA A DIREITA

Além do apoio das multinacionais, Reagan atraiu votos com suas promessas fascistas de fazer o país "funcionar novamente" e sair do atoleiro da crise. Carter já estava muito desgastado, pois em seus quatro anos de governo a inflação subiu de 4,8 para 13% ao ano, enquanto o índice de desemprego atingia 7,5% da força de trabalho. Somente no setor metalúrgico, cerca de um milhão de operários foram demitidos.

As promessas de Reagan, porém, são falsas. A crise é fruto do próprio sistema capitalista, repetindo-se de forma cíclica e cada vez mais aprofundada. A cada período de grande expansão industrial, segue-se uma etapa de colapso, inflação, desemprego e miséria para os trabalhadores, enquanto os capitalistas disputam acirradamente os mercados existentes. Também no plano mundial, a crise aguçou a disputa entre as nações imperialistas pela conquista ou manutenção de seus mercados, disputa que aponta no sentido de uma nova guerra mundial.

### DESENCANTO DO ELEITOR

Há porém o reverso da moeda: os trabalhadores de todo o mundo passam a se recusar a pagar pela crise, combatendo com maior vigor por seus direitos e para libertar-se do capitalismo.

Se as eleições representaram um avanço nas posições reacionárias e direitistas, também marcaram um novo recorde na descrença do povo da chamada democracia americana. De 160 milhões de eleitores, apenas metade votou. Essa abstenção se deve a que, embora qualquer grupo político possa apresentar candidatos, apenas os partidos apoiados pelos monopólios têm condições de vencer, devido ao custo elevadíssimo da campanha eleitoral: os partidos Republicano e Democrata gastaram nela cerca de cinco bilhões de cruzeiros! Nessas condições qualquer candidatura popular não passaria de uma piada.

O futuro presidente norte-americano representa uma nova tentativa de conter a maré revolucionária através da repressão desenfreada, do terrorismo. A História, contudo, mostra que a violência capitalista pode às vezes retardar por algum tempo a emancipação dos povos, mas nunca conseguiu impedi-la.

(Dilair Aguiar)

### DIFERENÇA DE FORMA

Tanto Reagan quanto Carter representam a burguesia monopolista, os grandes grupos multinacionais americanos. Dessa forma, a eleição do primeiro não representou mudança quanto ao conteúdo do poder. A diferença está apenas na forma de atuação.

Carter se elegeu acenando com a bandeira dos direitos humanos, mas isso não o impediu de apoiar golpes de Estado como o da Turquia e ditadores sanguinários como Anastásio Somoza, da Nicarágua, ou Reza Pahlevi, do Irã, até o último momento.

Essa política, contudo, não evitou que os Estados Unidos sofressem derrotas em diversas partes do mundo, enquanto, com o crescimento da crise mundial, outras nações imperialistas se aproveitavam para avançar sobre países antes controlados por companhias norte-americanas. A União Soviética, em especial, acelerou sua política expansionista em várias regiões, como mostra a invasão do Afeganistão.



Mendiga em Nova Iorque: imagem da crise

Nelson Muniz Barreto



CARAVANA DE FAMILIARES FOI AO ARAGUAIA



Ao lado, os familiares dos mortos e desaparecidos na guerrilha penetram na mata; acima, o quartel de Bacabá, uma das bases do Exército durante os combates; embaixo, um dos ranchos dos guerrilheiros.

# Na trilha dos guerrilheiros

A mata continua lá. Não tão virgem quanto há seis, sete, oito anos atrás mas igual na sua beleza, mistérios e essência de vida. E seus habitantes, isolados pela miséria, pelo latifúndio e pela "competente" ação do Exército, ainda têm na memória a história da guerrilha do Araguaia, "a guerra do povo da mata", como eles costumam falar.

Esta história, porém, estava enterrada, por ordem do Exército. Não se podia falar nela. Até hoje, no final de outubro, os pais, irmãos, filhos, consórcios dos que morreram ou desapareceram no combate ao Exército partiram em caravana para o vale do Araguaia, dispostos a descobrir a verdade. E distribuíram um apelo ao povo do lugar.

### "PEDIMOS APOIO"

"Como é do conhecimento de todos — diziam eles, num apelo ao povo do lugar — durante os anos de 1972 a 1975, houve uma verdadeira guerra nesta região. Depois de uma enorme campanha militar, dezenas de guerrilheiros e moradores da região foram mortos. Até hoje, passados tantos anos, não conseguimos uma notícia oficial sobre estas pessoas. Agora, nós, familiares destas pessoas, estamos aqui para saber o que aconteceu e encontrar os corpos dos que foram mortos. Pedimos apoio aos moradores para localizar nossos parentes. Qualquer indicação, qualquer notícia pode ser importante".

E o apoio veio; não só dos deputados, membros de comitês de Anistia e do representante da OAB, seção do Pará, Paulo Fontelles, que acompanharam a caravana; não só de Dom Alano, o corajoso bispo de Marabá, que celebrou uma missa em memória dos guerrilheiros, da CNBB, seção Norte, da Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos. Veio também da gente simples daquela região, que conheceu de perto os guerrilheiros.

### ROMPE-SE O SILÊNCIO

A caravana desloca-se sob a constante observação de olheiros. A certa altura, um senhor aproxima-se, em lágrimas, para segredar que conheceu vários guerrilheiros, mas está sendo perseguido e nada pode falar. É a lei do Exército.

Mas pouco a pouco as histórias vão surgindo. À margem da OP-1, uma das estradas abertas em plena selva durante a terceira campanha do Exército contra os guerrilheiros, um rapaz conta que tem um irmão que "o que ele sabe foi dona Cristina que ensinou"; e vai relatando detalhes de como viviam "aqueles moços que vieram de São Paulo". Mas perde a desenvoltura com a chegada de sua mãe, que teve o marido preso e torturado pelos militares, apenas por morar ao lado dos guerrilheiros.

Lauro, outro camponês, hoje com 22 anos, aos 16 trabalhou num pequeno armazém com alguns guer-

rilheiros. Conta que seu pai foi preso por ser amigo dos combatentes da mata. E relatou também porque hoje ele possui uma mão mecânica: quando começou a guerra ele e sua família foram expulsos de casa; andando por um local onde tropas haviam estacionado, junto com um companheiro, encontraram uma garrafa de cor verde, que explodiu quando a pegaram. Era uma granada. Seu companheiro morreu e Lauro perdeu a mão. Mas até hoje não foi indenizado; apesar do Exército ter reconhecido que a granada era sua.

No povoado de Palestina, uma senhora já de idade dá uma idéia de como a operação militar levou o terror à região. Conta que na ocasião da guerra ela fez um buraco para se abrigar, com seus filhos, na hora em que o Exército entrava em ação, com seus helicópteros e bombas.

### A GUERRA SECRETA

Ao passar por Brasília, de volta do Pará, a caravana esteve no Congresso e assistiu a discursos das lideranças do PMDB, do PT e do PDT, que exigiam do governo esclarecimento sobre o que ocorreu no Araguaia entre 1972 e 1975. Apenas Cantídio Sampaio, o deputado policial do PDS, teve o desplante de defender o silêncio do governo, dizendo que houve uma guerra e numa guerra as coisas são assim mesmo.

(Conceição Freitas, enviada especial)

## Abraços, lágrimas e foguetes

Vitória Grabois, esposa, filha e irmã de guerrilheiros, relatou à Tribuna como o povo do lugar recebeu a caravana

"Chegamos em Boa Vista dos Perdidos, último lugarejo do Sul do Pará, na segunda-feira, 3 de novembro, depois de duas horas de viagem pelo rio Araguaia. No cais, muitos camponeses nos abraçavam. Alguns soluçavam como crianças e falavam com muito carinho dos nossos pais, maridos, irmãos, filhos.

"Do cais, partimos, em carroças, rumo à vila. Pelo caminho, estouravam os foguetes e os vivas dos nossos amigos camponeses. A rua das Flores, a principal do lugar, estava ornamentada para receber os familiares dos mortos e desaparecidos na guerrilha. Ali mesmo nos ofereceram um verdadeiro banquete, preparado por quase todas as mulheres do povoado.

"Foi em Boa Vista dos Perdidos que sentimos mais intensamente o trabalho dos guerrilheiros, que frutificou e continua firme. Em outros lugares, sentimos também a presença constante dos guias do Exército, pagos para provocar e intimidar. Mas mesmo assim a solidariedade do povo transparecia, nos abraços, nas lágrimas, refletindo carinho e respeito pelo combatentes da mata.

"A caravana conversou com centenas de pessoas, colhendo relatos de extraordinária importância. Constatamos, por exemplo, que poucos guerrilheiros morreram em combate. Na maioria foram aprisionados com vida e levados para os quartéis de Marabá, Bacabá e Xambioá. Ali eram mortos a sangue frio. Suas mãos e cabeças iam depois para Brasília, a fim de serem identificadas".



Fotos Luiz Batis



## "A terra também é da gente..."

Goiânia, manhã do dia 7 de novembro. Parece um dia como outro qualquer. No "Palácio das Esmeraldas" o governador e seus auxiliares enchem os bolsos e fazem leis e mais leis para proteger os patrões. Na prefeitura é a mesma coisa. Nas ruas o desemprego, o roubo, as crianças sem escola. Mas há luta nesta manhã. Na vila João Vaz, cartucheiras, bombas, tropas de choque da PM são lançadas contra os trabalhadores que ocuparam uma área de 48 mil metros quadrados para se li-

vrarem dos viadutos, dos aluguéis exorbitantes e da chuva. Dentro de um carro, o empresário Hugo Micheletti, que se diz dono do terreno, assistiu com muita alegria a violência sobre os trabalhadores. Afinal, sua grilagem estava sendo assegurada pelas armas do governo. O fascista coronel Herbert Curado, da Secretaria de Segurança Pública, justificou a violência com o argumento de que o dever da polícia é garantir a propriedade. Quanto às 11 prisões que efetuou, disse que

estava buscando os "cabeças" do movimento, como se não soubesse que a "cabeça" do movimento é a carestia, a exploração, o latifúndio que expulsa os camponeses do campo... A resistência, a coragem e a união foram os traços principais do comportamento dos trabalhadores ante o ataque da polícia. Mais de cem pessoas realizaram uma passeata até o distrito policial onde estavam presos os trabalhadores, gritando "Vamos em frente, a terra também é da gente". (da Sucursal de Goiânia)

### NOVO SALÁRIO MÍNIMO

# Exploração fora da lei

Com o reajuste de novembro, o salário mínimo brasileiro passou a ser de 5.795 cruzeiros nas regiões mais industrializadas, 4.795 nas intermediárias e 4.449 cruzeiros nas mais atrasadas. Mais uma vez, um salário de miséria.

Pela lei de 1938, que criou o salário mínimo, 33% do seu total destinam-se a gastos de moradia. E qual é o trabalhador paulista, por exemplo, que consegue morar por 1.912 cruzeiros mensais? Nem um barraco na favela se encontra por este preço, como não é difícil constatar. Mas tem mais. Logo em seguida à decretação do novo salário, o governo anunciou que os aluguéis a partir de janeiro vão sofrer aumentos de cerca de 100 por cento...

### CONDUÇÃO PARA 2 SEMANAS

A mesma lei destina 4% do salário atual para transporte, ou seja, 231 cruzeiros e 80 centavos no caso do salário atual. Tomemos ainda o exemplo do trabalhador de São Paulo. Acontece que a passagem dos ônibus urbanos acaba de subir de 9 para 13 cruzeiros. Supondo-se que nosso trabalhador use apenas uma condução para ir ao emprego, não se divirta nem saia aos domingos: ele gastará 130 cruzeiros por semana de condução. O salário não dá nem para duas semanas!

Isso para não falar dos gastos com alimentação, os que mais pesam no orçamento dos pobres e os que mais aumentaram ultimamente.

### CONQUISTA DESTRUÍDA

O salário mínimo foi uma conquista do trabalhador brasileiro, alcançada no governo de Getúlio Vargas e destruída depois do golpe militar de 1964. A lei que o criou previa, inclusive, comissões paritárias de patrões e trabalhadores, em cada Estado, para participar do cálculo dos reajustes do mínimo. Os militares acabaram arbitrariamente com elas e passaram a impor os índices.

E a lei de 1938 ainda tinha muitos defeitos, pois previa apenas os gastos de um trabalhador, sem contar sua família. E não incluía despesas com ensino, saúde e lazer, entre outras. Porém o fato é que hoje nem ela é aplicada. A título de exemplo, basta dizer que a lei prevê uma ração mensal de seis quilos de carne por mês (colchão mole). Qual é o trabalhador de salário mínimo que hoje em dia consegue comer seis quilos de carne por mês?

### TUDO PELO LUCRO

Mesmo assim, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística revela que no Brasil de hoje 33% da população economicamente ativa ganham o salário mínimo, ou menos ainda. E que a sede

de lucro dos patrões não tem limites, chega até a ameaçar a própria sobrevivência física dos que trabalham. O único limite é imposto pelo próprio trabalhador, com sua união, sua organização e sua luta.

Nos últimos 16 anos de regime militar, os brasileiros aprenderam por sua própria e amarga experiência até que ponto isto é verdadeiro. No confronto entre o salário e o lucro, os militares sempre forçaram para dar a vitória ao segundo. Em 1959, na indústria, os salários representavam 43% do valor total gerado e os lucros 57%. Em 1974, depois de dez anos de arrocho, os salários haviam caído para 9% e os lucros subido para 71%.

### UMA LUTA ATUAL

Neste quadro, a luta por um salário mínimo que permita ao trabalhador e a sua família uma vida digna adquire cada vez mais força. Todos os congressos sindicais e muitos movimentos grevistas levantam a que-tão. Vários sindicalistas ouvidos pela Tribuna consideram inclusive que esta luta pode unir os trabalhadores de todo o Brasil e das mais diferentes faixas salariais.

Logo for the 'Tribuna Operária' newspaper, featuring the text 'Tribuna Operária' in a stylized font, with 'Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois' written below it.